PLACAR

- As Revelações
- O Retrospecto de Cada Clube
- As Estatísticas
- Tabelão

O Melhor do Campeonato Brasileiro

O Timaço da Seleção Bola de Prata

Espalhada pelo país, uma equipe de jornalistas convocados por PLACAR deu notas a todos os jogadores nas 254 partidas do Campeonato para que, na redação, um computador registrasse os dados e apontasse os onze melhores. Eles, mais o artilheiro da competição, receberão o mais cobiçado prêmio do futebol brasileiro

A SELEÇÃO DA BOLA DE PRATA DE PLACAR

Os clubes paulistas confirmaram a boa fase e colocaram nada menos do que oito jogadores na seleção dos melhores do Brasileiro. Os outros três são do surpreendente Vitória. Abaixo, a relação dos dez atletas de cada posição que conquistaram as médias mais altas. A Bola de Ouro de 1993 vai para o volante César Sampaio, do Palmeiras. Pela segunda vez, aliás. Ele já havia ganho o troféu no ano de 1990, quando atuava pelo Santos.

GOLEIRO	
1º Dida (Vit)	6,76 (24)
2º Alexandre (Cri)	6,55 (11)
3º Régis (Par)	6,47 (15)
4º Ronaldo (Cor)	6,44 (17)
5º Milagres (Amé)	6,43 (14)
6º Marco Aurélio (Náu)	6,40 (10)
7º Sílvio (União)	6,32 (14)
8º Danrlei (Grê)	6,31 (13)
9º Sérgio (Cru)	6,27 (11)
10º Gilmar (Fla)	6,25 (18)

LATERAL-DIREITO	
1º Cafu (SP)	6,36 (18)
2º Cláudio (Pal)	6,17 (15)
3º Paulo Roberto (Cru)	6,15 (13)
4º Índio (San)	6,08 (19)
5º Rodrigo (Vit)	6,03 (23)
6º Jura (SP)	5,77 (13)
7º Marco Antônio (S.Cruz)	5,75 (12)
8º Jaime (Cri)	5,68 (11)
9º Marcelo (Remo)	5,67 (18)
10º Pimentel (Vas)	5,67 (12)

ZAGUEIROS	
1º Ricardo Rocha (San)	6,63 (15)
2º Antônio Carlos (Pal)	6,42 (16)
3º João Marcelo (Vit)	6,38 (20)
4º Cléber (Pal)	6,36 (14)
5º Alexandre Torres (Vas)	6,30 (10)
6º Válber (SP)	6,28 (16)
7º Gralak (Par)	6,10 (15)
8º Adilson (Inter)	6,09 (11)
9º Fernando (Gua)	6,08 (19)
10º Paulão (Grê)	6,08 (13)

LATERAL-ESQUERDO	
1º Roberto Carlos (Pal)	6,45 (20)
2º Nonato (Cru)	6,04 (13)
3º Carlos Roberto (União)	5,86 (13)
4º Renato Martins (Vit)	5,88 (22)
5º Leandro Silva (Cor)	5,86 (18)
6º Paulo César (Cori)	5,77 (13)
7º Ronaldo (Amé)	5,75 (10)
8º Júnior (Remo)	5,75 (14)
9º Quinho (S.Cruz)	5,69 (13)
10º Cássio (Vas)	5,65 (13)

VOLANTE	
1º César Sampaio (Pal)	6,78 (20)
2º Zé Elias (Cor)	6,28 (19)
3º Gil Sergipano (Vit)	6,24 (24)
4º Pingo (Grê)	6,14 (11)
5º Gutemberg (Amé)	6,11 (14)
6º João Antônio (Par)	6,07 (14)
7º Axel (San)	6,00 (13)
8º Doriva (SP)	6,00 (11)
9º Élcio (Cori)	5,96 (14)
10º Capitão (Port)	5,90 (15)

MEIAS	
1º Roberto Cavalo (Vit)	6,55 (23)
2º Djalminha (Gua)	6,55(19)
3º Edílson (Pal)	6,53 (20)
4º Zinho (Pal)	6,44(17)
5º Paulo Isidoro (Vit)	6,42 (23)
6º Juninho (SP)	6,41 (16)
7º Mazinho (Pal)	6,35 (20)
8º Dener (Port)	6,32 (14)
9º Marco A. Boiadeiro (Cru)	6,23 (11)
10º Leonardo (SP)	6,13 (12)

ATACANTES	
1º Edmundo (Pal)	6,62 (19)
2º Rivaldo (Cor)	6,61 (19)
3º Alex Alves (Vit)	6,51 (21)
4º Ronaldo (Cru)	6,50 (14)
5º Evair (Pal)	6,48 (16)
6º Clóvis (Goi)	6,41 (16)
7º Pichetti (Vit)	6,38 (22)
8º Valdir (Vas)	6,32 (14)
9º Viola (Cor)	6,27 (13)
10º Claudinho (Vit)	6,24 (21)

BOLA DE OURO	
1º César Sampaio (Pal)	6,78 (18)
2º Dida (Vit)	6,76 (24)
3º Ricardo Rocha (San)	6,63 (15)
4º Edmundo (Pal)	6,62 (19)
5º Rivaldo (Cor)	6,61 (19)
6º Roberto Cavalo (Vit)	6,51 (21)
7º Djalminha (Gua)	6,55 (19)
8º Alexandre (Cri)	6,55 (11)
9º Alex Alves (Vit)	6,51 (21)
10º Ronaldo (Cru)	6,50 (14)

RONALDO KOTSCHO

O caçador da perfeição

De seu pé direito, na última partida das Semifinais, contra o São Paulo, saiu aquele que talvez tenha sido o mais belo gol do Campeonato Brasileiro de 1993. Primeiro, César Sampaio desarmou Leonardo e, de seu campo de defesa, disparou rumo ao gol adversário. Então, sem diminuir a velocidade, jogou a bola por entre as pernas de Luís Carlos Goiano. Já dentro da área, ainda encontrou espaço para driblar o goleiro Zetti. Aí, gol escancarado, completou para as redes. Um gol de gênio, que selou a vitória de 2 x 0 do Palmeiras e assegurou a presença do time na grande decisão. Quem conhecia o estilo sóbrio de jogar que César Sampaio manteve até 1992 não imaginava que o capitão palmeirense fosse capaz de brilhar tão intensamente como fez durante todo o Brasileiro do ano passado, quando marcou, desarmou, lançou e fez gols. Não há o que discutir: a segunda Bola de Ouro de sua carreira — levou a primeira em 1990, defendendo o Santos, mas, curiosamente, nunca ganhou a de Prata — foi um justo prêmio ao melhor camisa 5 em atividade nos gramados do país. "Corrigi o passe, minha maior deficiência, e hoje sou um jogador completo", garante, sem modéstia. Mas o que mais chama a atenção em Sampaio é a regularidade, uma virtude que carrega desde o início da carreira: não recebeu uma única nota inferior a 6 durante o Campeonato. "Ele se preocupa diariamente em melhorar", completa a mãe do jogador, dona Benedita. "Só fica chateado por não estar presente na Seleção", completa. Nem isso, porém, é motivo para preocupação. Afinal, mantendo o crescimento mostrado em 1993, seu nome deve ser lembrado para disputar a Copa do Mundo, este ano.

Nome: Carlos César Sampaio de Campos
Data e local de nascimento: 31/3/1968, São Paulo, SP
Peso: 74 kg
Altura: 1,77 m
Clube anterior: Santos (1986 a 1991)
Títulos: campeão paulista, do Rio-São Paulo e brasileiro (1993) pelo Palmeiras
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 19
Gols: 2
Cartões amarelos: 2
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos na Seleção Brasileira: 11 (nenhum gol)

RONALDO KOTSCHO

Guga
Artilheiro

Um matador perseguido

Dez minutos do primeiro tempo e o Santos já perdia por 2 x 0 para o Guarani, em plena Vila Belmiro. Inconformada, a facção uniformizada Sangue Jovem elegeu o bode expiatório e disparou um coro contra centroavante Guga. "Ô, ô, ô, cadê o matador?", ironizavam os torcedores. A resposta veio em seguida: Guga empatou o jogo ainda no primeiro tempo, calando todos os seus críticos. Não importou sequer que, ao final da partida, o resultado apontasse empate em 3 x 3. O artilheiro havia mostrado seu valor. A história de Guga foi assim durante todo o Brasileiro. Perseguido e provocado por torcedores fanáticos, o camisa 9 da Vila Belmiro foi obrigado a demonstrar sua importância a cada jogo, a cada gol. Mas não deixou por menos. Ofereceu à torcida catorze provas de seu talento, consagrando-se como o principal artilheiro do Brasileiro e assegurando a primeira Bola de Prata de sua carreira. "Fui perseguido, sim, mas apenas por uma parte da torcida", desconversa o centroavante. Afinal, seria mesmo difícil que todos os santistas se recusassem a aplaudir um atacante capaz de garantir, sozinho, algumas das vitórias mais importantes do time, como nos 3 x 0 contra o Sport — os três de Guga — e no 1 x 0 contra o Palmeiras, no Parque Antártica — gol do camisa 9. "Não se pode desprezar um especialista em fazer gols", assegura o matador. Hoje, toda a torcida santista, que pôde comemorar a melhor campanha de seu time desde o vice-campeonato de 1983, sabe disso. Tanto quanto os zagueiros adversários, que sofreram para marcar o maior especialista do Campeonato na arte de balançar as redes.

Nome: Alexandre da Silva
Data de nascimento: 14/6/64, Rio de Janeiro, RJ
Peso: 70 kg
Altura: 1,88 m
Clubes anteriores: Cabofriense (1984), Esmeralda do Equador (1984 a 1987), Atlético-MG (1987 a 1989), Flamengo (1989), Goiás (1989 e 1990), Internacional-RS (1990) e Internacional-SP (1991)
Títulos: bicampeão mineiro pelo Atlético (1988 e 1989)
Trajetória no Brasileiro de 1993:
Jogos: 17
Gols: 14
Cartões amarelos: 2
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: nenhum

NELSON COELHO

Matuto muito esperto

Quem acompanhou os jogos da vitoriosa campanha da Seleção Brasileira de juniores em março do ano passado, no Mundial da Austrália, certamente ficou impressionado com as atuações daquele goleirão imberbe e muito alto. Sem dúvida, ali estava uma promessa de craque. Afinal, o tranqüilo baiano de Irará jogou uma barbaridade e tomou apenas dois gols nas seis partidas da competição. De lá para cá, já como titular da camisa 1 do Vitória, Dida foi confirmando, jogo a jogo, todas as expectativas criadas em torno dele. A julgar pelo futebol apresentado no Brasileiro, já pode ser considerado um dos melhores do país na posição. "Acho que amadureci bastante para um goleiro da minha idade", diz o jogador, de apenas 20 anos. "A Seleção me fez muito bem. Foi ali que eu ganhei confiança para entrar sem tremer no time do Vitória." Ao voltar do Mundial, ele subiu direto para o time principal do seu clube. Não saiu mais. Ficou mais de oito partidas seguidas sem tomar gols no Campeonato Estadual, ajudando o Vitória a conquistar o título. No Brasileiro, garantiu vitórias importantes (como o 1 x 0 contra o Flamengo, em Salvador) e tornou-se o mais jovem goleiro a ganhar a Bola de Prata, nos 24 anos do troféu. Colaborou para isso sua inabalável dedicação. Ele costuma ser o último a deixar os treinos, obrigando o treinador de goleiros do Vitória, Eduardo Bahia, a fazer hora extra. Há dois anos morando na casa de uma tia em Salvador, Dida, que ganha salários equivalentes a 600 dólares, ainda não perdeu o jeitão interiorano. Malemolente no andar, chegou a ser acusado de se desligar durante os jogos. A aparência de matuto baiano, na verdade, esconde um goleiro frio, atento à movimentação do adversário e determinado nos seus objetivos. O maior deles: "Chega de Seleção de juniores. Agora eu quero a principal". Dida não deixa por menos.

Nome: Nélson de Jesus Silva
Data e local de nascimento: 7/10/1973, Irará, BA
Peso: 94 kg
Altura: 1,95 m
Clubes anteriores: não teve
Títulos: campeão sul-americano (1992) e mundial (1993) de juniores pela Seleção Brasileira
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 24
Gols sofridos: 27
Cartões amarelos: 1
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: nenhum

Com o supercuringa ninguém pode

Uma das mais antigas máximas do futebol reza: jogador que atua em várias posições não vai longe. Mas esse velho axioma, que prevê para os chamados curingas um futuro sempre sombrio, acaba sendo sistematicamente contrariado pelo são-paulino Cafu, que, ora como volante, ora como meia, ou então como lateral-direito, não só vem conquistando seguidos títulos pelo São Paulo como é nome certo em todas as convocações para a Seleção Brasileira. Agora, aos 23 anos, o jogador fatura sua segunda Bola de Prata jogando na lateral, repetindo o feito de 1992. Para Carlos Alberto Parreira, Cafu é lateral e ponto final. O treinador da Seleção só o escala nessa função. Um ponto de vista completamente distinto do pensamento de Telê Santana. O técnico do São Paulo o aproveitou na meia durante o último Campeonato Paulista. Resultado: Cafu foi o artilheiro do time com catorze gols. No começo do Brasileiro, chegou a mantê-lo no meio, mas não demorou a devolver seu curinga à lateral. "Não me importo com a troca de posições. Estou sempre pronto para colaborar com o treinador", garante o craque, que vestiu a camisa 2 tricolor no Brasileiro e a 10 na Supercopa. No final da Primeira Fase, Cafu era apenas o quarto colocado entre os laterais-direitos na corrida pela Bola de Prata. Suas atuações nas Semifinais, porém, foram suficientes para que superasse Marcelo, do Remo, Paulo Roberto, do Cruzeiro, e Cláudio, do Palmeiras, que estavam à sua frente. Mais uma vez, Cafu foi o lateral que freqüentemente se transforma em atacante. Só que, curiosamente, passou o Campeonato inteiro sem marcar gols.

Nome: Marcos Evangelista de Moraes
Data e local de nascimento: 19/6/1970, São Paulo, SP
Peso: 73 kg
Altura: 1,72 m
Clubes anteriores: não teve
Títulos: Bicampeão paulista (1991/92), da Taça Libertadores (1991/92) e mundial interclubes (1991/92), Brasileiro (1991) e da Supercopa (1993)
Trajetória no Brasileiro de 1993:
Jogos: 18
Gols: 1
Cartões amarelos: 3
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: 35 (1 gol)

Nome completo: Ricardo Roberto Barreto da Rocha
Data e local de nascimento: 11/9/1962, Recife, PE
Peso: 74 kg
Altura: 1,80 m
Clubes anteriores: Santo Amaro-PE (1982), Santa Cruz-PE (1983 a 1985), Guarani-SP (1985 a 1988), Sporting de Lisboa (1988 e 1989), São Paulo (1989 a 1991) e Real Madrid (1991 a 1993)
Títulos: Campeão pernambucano pelo Santa Cruz (1983), paulista (1989) e brasileiro (1991) pelo São Paulo e da Copa do Rei pelo Real Madrid (1993).
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 15
Gols: nenhum
Cartões amarelos: 3
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: 40 oficiais e 5 não oficiais (nenhum gol)

O mestre da grande área

Muitos sonharam trazer Ricardo Rocha de volta da Espanha, quando foi anunciada sua saída do Real Madrid. Primeiro foi o São Paulo, interessado em recuperar o passe do líder da equipe campeã brasileira de 1991. Depois, surgiu o Palmeiras, capaz de bancar, com o auxílio da Parmalat, o preço que o clube espanhol desejasse. No fim, porém, deu Santos. E, mal foi anunciada sua contratação, a torcida do Peixe teve uma certeza: todos os problemas que o time apresentou nos últimos anos em sua defesa estavam solucionados. A história, é verdade, não foi tão feliz assim. Ricardo passou parte do Campeonato recuperando-se de contusões musculares e ausentou-se de vários jogos. Mas, sempre que esteve em campo, tornou-se uma muralha de proteção ao goleiro Velloso. Por isso, assegurou a terceira Bola de Prata de sua carreira — ganhou em 1986 e 1991, além da Bola de Ouro de 1989. "É o zagueiro mais difícil de ser superado que já enfrentei", assegura o centroavante Clóvis, do Guarani. E Ricardo Rocha fez mais do que fortalecer a retaguarda santista. Rapidamente assumiu a condição de líder do elenco, enchendo o time de confiança na caminhada rumo às Finais. "O Santos está mais do que nunca no páreo", pregava, confiante. Se não conseguiu levar o título inédito para a Vila Belmiro, foi uma das peças mais valiosas para o clube realizar sua melhor campanha no Brasileiro desde o vice-campeonato de 1983, provando, mais uma vez, que é o melhor zagueiro do país.

Nome: Antônio Carlos Zago
Data e local de nascimento: 18/5/1969, São Paulo, SP
Peso: 73 kg
Altura: 1,85 m
Clubes anteriores: São Paulo (1990 a 1992) e Albacete (1992)
Títulos: campeão paulista pelo São Paulo (1991) e Palmeiras (1993), brasileiro pelo São Paulo (1991) e Palmeiras (1993), da Taça Libertadores (1992) pelo São Paulo, campeão do Rio-São Paulo (1993) pelo Palmeiras
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 18
Gols: 1
Cartões amarelos: 2
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos na Seleção Brasileira: 11 (1 gol)

A sobriedade domina a defesa

Desde que passou a vestir a camisa do Palmeiras, no começo do ano passado, ele só raramente foi visto participando das jogadas de ataque, como costumava fazer em sua melhor fase no São Paulo, em 1992. Antônio Carlos é, hoje, um jogador maduro e sóbrio que, a cada disputa de bola em sua grande área, confirma ser um dos mais seguros zagueiros do país. Por isso, ganhou uma das Bolas de Prata destinadas aos zagueiros em 1993, a sua primeira desde o início da caminhada pelos gramados. "Continuo gostando de ir ajudar o ataque", afirma o camisa 3. "Mas aceito as determinações do treinador e as cumpro sem nenhum problema." O único que ainda não se convenceu com o novo estilo puxado para o clássico de Antônio Carlos é o técnico da Seleção Brasileira, Carlos Alberto Parreira. Nas Eliminatórias da Copa do Mundo, por exemplo, ele só foi convocado depois do corte de Mozer e da contusão de Ricardo Rocha. "Isso me magoa um pouco", assume o zagueiro. Mesmo assim, Antônio Carlos já apresenta a maturidade que lhe faltava nos tempos de São Paulo. Na época, abatia-se a cada ausência de seu nome na lista de convocações ou com algum erro cometido na defesa. Hoje, mantém a cabeça erguida mesmo nos piores momentos. Como deve acontecer com os grandes zagueiros.

Um líder de ponta a ponta

Às vésperas da Copa do Mundo, a camisa 6 da Seleção Brasileira tem mais um jovem candidato bem qualificado. Aos 20 anos, Roberto Carlos se credencia mais que nunca à disputa pela posição com Branco, desde sempre o preferido do técnico Carlos Alberto Parreira. No currículo, além dos títulos conquistados pelo Palmeiras em 1993, agora ele inclui a Bola de Prata de lateral-esquerdo, ganha de ponta a ponta — desde o início do Brasileiro Roberto Carlos liderou a corrida pelo troféu de melhor jogador da posição. "Ainda sou novo e tenho muita coisa a aprender, inclusive com Branco, o titular da Seleção", diz, com humildade. "Mas é claro que sonho em jogar na Copa." Em um ano marcado pelas quebras de jejuns palmeirenses, a Bola de Prata de Roberto Carlos também representa a reconquista de um prêmio que há anos não era ganho por um lateral-esquerdo do Verdão. O último a faturar o troféu vestindo a camisa do Palmeiras foi Pedrinho, em 1979. Forte, veloz, com um grande poder de recuperação e chute potente, Roberto Carlos simplesmente triturou esse pequeno tabu de catorze anos. Na vitória por 2 x 0 que tirou o São Paulo do Brasileiro e levou os palmeirenses à decisão, foi um dos jogadores que mais vibraram. Supersticioso, naquela tarde trocou de camisa com o zagueiro Cléber, que ficou com a 6 e cedeu a 4, a mesma de Pedrinho em 1979, para o lateral Bola de Prata. Mas, vestindo a 6 ou a 4, ele ganhou o troféu com todos os méritos.

Nome: Roberto Carlos da Silva
Data e local de nascimento: 10/4/73, Garça, SP
Peso: 67 kg
Altura: 1,68 m
Clube anterior: União São João (1990 a 1992)
Títulos: campeão paulista, do Torneio Rio-São Paulo e brasileiro pelo Palmeiras (1993)
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 20
Gols: 1
Cartões amarelos: 4
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: 19 (nenhum gol)

NELSON COELHO

Djalminha
Meia

A promessa explodiu afinal

Se realmente existem males que vêm para o bem, Djalminha deve estar agradecendo até hoje a discussão que teve com Renato Gaúcho durante o jogo Flamengo x São Cristovão, no Campeonato Carioca do ano passado. A briga foi a gota d'água para a saída de Djalma da Gávea. Ele acabou desembarcando em Campinas, numa troca por empréstimo com o Guarani, que cedeu Edu Lima ao rubro-negro carioca. Dirigido por Carlinhos, seu treinador no Flamengo desde a época de juvenil, Djalminha explodiu no Brasileiro e fatura a primeira Bola de Prata de sua carreira como um dos dois melhores meias do Campeonato. Livre das cobranças constantes dos tempos de Flamengo, o camisa 10 pôde finalmente mostrar toda a qualidade de seu futebol. "A mudança foi boa para mim. No Guarani provei que não sou mais apenas uma promessa", alfineta o maior destaque do Bugre na competição, enquanto no Rio de Janeiro os cartolas flamenguistas tentam explicar à torcida por que liberaram o jogador com preço do passe fixado em 700 000 dólares. Apesar de ter ficado famoso como Djalminha, ele prefere ser simplesmente Djalma. "Sempre me chamaram assim. Até mesmo quando era dos juniores", explica o jogador. "A partir do momento que comecei a jogar nos profissionais, a imprensa adotou Djalminha. E ficou." Há pouco mais de um ano ele tentou adotar o nome de guerra do pai, Djalma Dias, um zagueiraço que, nos anos 60, encontrou o caminho do sucesso com outra camisa verde, a do Palmeiras.

Nome: Djalma Feitosa Dias
Data e local de nascimento: 9/12/70, Santos, SP
Peso: 69 kg
Altura: 1,78 m
Clube anterior: Flamengo (1990 a 1993)
Títulos: Copa do Brasil (1990), carioca (1991) e brasileiro (1992) pelo Flamengo
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 19
Gols: 5
Cartões amarelos: 4
Cartões vermelhos: 1
Jogos pela Seleção Brasileira: nenhum

Comandante da patada mortal

Nenhum goleiro conseguiu, no Brasileiro, dormir tranquilo às vésperas das partidas contra o Vitória. Qualquer falta próxima à área era uma possibilidade nova para Roberto Cavalo marcar mais um lindo gol com a sua "patada" mortal. Foi assim, nas Semifinais, contra Corinthians, Flamengo e Santos. Aos 30 anos, depois de atuar por Atlético-PR e Marcílio Dias e Criciuma, ambos de Santa Catarina, o armador desembarcou em Salvador para viver a melhor fase de sua carreira. Virou ídolo, líder do jovem elenco rubro-negro, e revelou um talento raro nos lances de bola parada. Tudo para conquistar, pela primeira vez, uma Bola de Prata como um dos melhores meias do Campeonato. "Para mim está sendo fácil converter as cobranças da entrada da área, pois venho treinando muito", revela o capitão do Vitória. Alguns dos principais goleiros do país — entre eles o flamenguista Gilmar e o corintiano Ronaldo — viram bolas impossíveis entrando no ângulo de suas balizas, para delírio da torcida baiana. Os chutes potentes e indefensáveis, aliados a seu fôlego inesgotável, foram os responsáveis pelo surgimento de seu apelido, ainda nos tempos de júnior do Atlético-PR. "Diziam que eu corria e chutava como um cavalo", conta o capitão rubro-negro. Sorte do Vitória, que viu seu comandante levá-lo a uma campanha jamais imaginada anteriormente. E da torcida, que ganhou um ídolo vestindo sua camisa 8.

Nome: Roberto Fernando Schneiger
Data e local de nascimento: 13/4/1963, Carazinho, RS
Peso: 72 kg
Altura: 1,72 m
Clubes anteriores: Atlético-PR (1983 a 1985 e 1987 a 1988), Marcílio [illegible] Criciuma-SC (1989 a 1993).
Títulos: campeão paranaense pelo Atlético (1988), catarinense (1989/90/91) e da Copa do Brasil (1991) pelo Criciuma
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 23
Gols: 7
Cartões amarelos: 4
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: nenhum

A arte do imprevisível

Assim como é capaz de provocar a ira da torcida, concluindo de modo confuso uma jogada que acabara de arquitetar brilhantemente, ele pode muito bem decidir, no instante seguinte, uma partida com um lance inesperado. Durante o Campeonato Brasileiro, o atacante Rivaldo foi de craque a cabeça-de-bagre com a mesma velocidade que emprega em campo. Os números, no entanto, não permitem discussão: com onze gols, Rivaldo foi o atacante mais eficiente do Corinthians. Por isso, apenas uma parcela da comunidade alvinegra não ficou totalmente satisfeita com seu desempenho: a diretoria corintiana, que o trouxe por empréstimo do Mogi-Mirim, junto com Leto, Válber e Admílson, sem fixar o preço de seu passe. "Foi a única maneira de concretizar a negociação", desculpa-se Henrique Alves, diretor de futebol do clube. Para Rivaldo, isso não importa. Afinal, o Corinthians serviu como vitrine para as duas primeiras convocações de sua carreira (esteve presente nos amistosos da Seleção Brasileira contra Alemanha e México). E para conquistar sua primeira Bola de Prata, em seu primeiro Brasileiro. A Fiel também não tem motivos para queixas. Basta lembrar-se da vitória sobre o Flamengo por 1 x 0, garantida com um gol de Rivaldo, e de sua extraordinária atuação contra o Bahia, quando marcou dois gols na goleada de 5 x 1 e deu um show de técnica. Prova de que, apesar de ainda sofrer a desconfiança de alguns, Rivaldo está no caminho para tornar-se um ídolo no Parque São Jorge.

Nome: Rivaldo Vito Borba [illegible]
[illegible]
[illegible] Recife, PE
Peso: 75 kg
[illegible]
[illegible] Santa Cruz-PE (1991) e Mogi-Mirim-SP (1992 e 1993)
Títulos: nenhum
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 19
Gols: 11
Cartões amarelos: 5
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: um jogo (1 gol)

Uma polêmica unanimidade

Em apenas um ano, a torcida do Palmeiras gastou todos os adjetivos para definir Edmundo: desagregador, mau-caráter ou simplesmente individualista. De todas as palavras utilizadas, só uma, no entanto, alcançou a unanimidade: craque. Afinal, com seus dribles desconcertantes em direção ao gol adversário, Edmundo decidiu jogos, devolveu a alegria às arquibancadas do Parque Antártica e tornou-se o mais polêmico jogador alviverde desde os tempos de César Maluco, nos anos 70.

Tudo graças a um temperamento explosivo, responsável por alguns dos mais brilhantes lances do Brasileiro, mas capaz de provocar crises intensas no elenco. Como na primeira rodada das Semifinais, quando se desentendeu com o zagueiro Antônio Carlos e foi por isso até afastado do elenco. A punição acabou convertida em multa de 20% sobre seu salário e em uma brevíssima passagem pelo banco de reservas, contra o Guarani, em Campinas. Aí, bastou entrar em campo para mostrar sua genialidade e mudar o rumo da partida, levando o Palmeiras a uma empolgante virada de 2 x 1. "Sei que errei e espero ser perdoado", afirmava o atacante. Não podia deixar de ser. Afinal, de seus pés saíram onze gols, o equivalente a 27,5% do total marcado pelo ataque palmeirense (o melhor do Campeonato, com quarenta). Por isso, ninguém discute. Só falta a Edmundo um pouco de maturidade para se consagrar como o maior craque de uma nova e gloriosa fase de conquistas alviverdes.

Nome: Edmundo Alves de Souza Neto
Data e local de nascimento: 2/4/1971, Rio de Janeiro, RJ
Peso: 72 kg
Altura: 1,73 m
Clube anterior: Vasco (1992)
Títulos: campeão carioca pelo Vasco (1992), paulista, do Rio-São Paulo e brasileiro pelo Palmeiras (1993)
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 19
Gols: 11
Cartões amarelos: 4
Cartões vermelhos: 1
Jogos pela Seleção Brasileira: 9 (2 gols)

O rebelde com causa

Qualquer lista que se faça dos gols mais bonitos do Brasileiro de 1993, dela constará obrigatoriamente aquele marcado por um então desconhecido garoto de 18 anos, no jogo Vitória x Corinthians, em Salvador. Uma partida para ficar na memória: não só interrompeu uma série invicta de quinze jogos do Timão na competição como também chamou a atenção para o atacante Alex Alves, o autor do golaço. Ele apanhou a bola ainda antes do meio-de-campo e partiu em velocidade, deixando pelo caminho metade do time corintiano. Na saída do goleiro Ronaldo, mandou forte para as redes, fazendo o segundo gol da vitória rubro-negra de 2 x 1. " Com a bola nos pés, sou tão habilidoso quanto o Edmundo", alardeia o jovem baiano de Campo Formoso, imodesto. A comparação pode soar um tanto arrogante, mas a verdade é que Alex se assemelha com o craque mesmo no gênio rebelde — chegou a ameaçar abandonar o futebol antes da final contra o Palmeiras se não fosse profissionalizado com urgência urgentíssima. E com um bom salário, é óbvio. "Afinal, eu mereço", justificou, confiante. No fundo, a ameaça era movida apenas pela ânsia de auxiliar o mirrado orçamento doméstico. Um dos seis filhos de um humilde pedreiro, Alex Alves não vê a hora de aumentar a casa de apenas três cômodos e que somente agora conheceu o conforto de uma geladeira. Se depender do seu futebol, a família conhecerá muito em breve dias melhores.

Nome: Alexandro Alves do Nascimento
Data e local de nascimento: 30/12/74, Campo Formoso, BA
Peso: 70 kg
Altura: 1,74 m
Clubes anteriores: nenhum
Títulos: nenhum
Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 23
Gols: 8
Cartões amarelos: nenhum
Cartões vermelhos: nenhum
Jogos pela Seleção Brasileira: nenhum

COM GOLS E BOM FUTEBOL, ELES REPRESENTAM A NOVA GERAÇÃO DE CRAQUES DO PAÍS

Frio como um veterano, Ronaldo contagia o Brasil com alegria e muitos gols

O cruzamento da direita apanhou o menino Ronaldo de costas para o gol. Cercado por dois zagueiros corintianos, o centroavante cruzeirense pulou como se fosse cabecear e, com estilo, dominou a bola no peito. Depois, sem deixá-la tocar o chão, virou o corpo e desferiu uma bomba que passou, caprichosamente, rente à trave superior. O lance espetacular deixou boquiabertos os torcedores presentes ao Pacaembu, no dia 10 de novembro, e ofereceu um bom resumo das muitas qualidades do camisa 9 do Cruzeiro: frio, preciso e, acima de tudo, surpreendente. "Ele tem uma qualidade rara no atual futebol brasileiro", testemunha o inesquecível craque Tostão, tricampeão mundial de 1970. "Toca pouco na bola, mas, quando o faz, é capaz de decidir um jogo." Ronaldo balançou as redes adversárias doze vezes nos catorze jogos do Cruzeiro no Brasileirão de 1993. E de todas as maneiras. Até mesmo roubando, com a sutileza de um batedor de carteiras, uma bola dominada pelo experiente goleiro Rodolfo Rodríguez, do Bahia, para fazer seu quinto gol naquela partida — o Cruzeiro venceu por 6 x 0. Exatamente por isso, o técnico Carlos Alberto Silva optou por lançá-lo na equipe no início do Campeonato, repetindo o que fizera com Careca no Guarani, em 1978. "Não há comparação entre os dois, mas Ronaldo tem uma habilidade fantástica", avalia Carlos Alberto. O garoto chegou à Seleção Brasileira com o mesmo jeito simples com que buscou um espaço nos juvenis do Flamengo, em 1991. Foi aprovado, mas não pôde permanecer no clube por falta de dinheiro para a condução entre o distante subúrbio carioca de Bento Ribeiro, onde morava, e a Gávea. Assim, foi parar no São Cristóvão, onde acabou descoberto por Jairzinho, o Furacão da Copa de 70, então o técnico da equipe. "Jair me deu muitas dicas sobre como me comportar contra os zagueiros", conta o centroavante. Daí em diante, a caminhada foi rápida. Convocado para a Seleção Brasileira juvenil, disputou o Campeonato Sul-Americano da categoria em 1993, sagrando-se campeão e artilheiro da competição com oito gols. Depois disso, Jairzinho comprou seu passe, ficando com 45% e vendendo 55% para o time mineiro. "Não esperava tanto sucesso em tão pouco tempo", diz Ronaldo. Nem a torcida brasileira, que já começa a se acostumar com o sorriso infantil e os gols de raro oportunismo da nova sensação da Toca da Raposa.

Clube e ídolo de infância: *Flamengo e Zico*
Jogo inesquecível: *Caldense 1 x Cruzeiro 2*
Gol inesquecível: *o quinto da goleada Cruzeiro 6 x Bahia 0, quando roubou a bola do goleiro Rodolfo Rodríguez e completou para a rede*
Melhor juiz: *não há*
Melhor técnico: *Carlos Alberto Silva*
Melhor gramado: *Maracanã*
Melhor marcador: *todos são difíceis*

R O N A L D O

Nome: Ronaldo Luís Nazário de Lima
Data de nascimento: 22/setembro/76
Local: Rio de Janeiro
Peso: 75 Kg
Altura: 1,79 m
Estado civil: solteiro
Clube anterior: São Cristóvão-RJ (1991 a 1993)
Títulos: Campeão sul-americano de juvenis pela Seleção Brasileira (1993)

Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 14
Gols: 12
Cartões amarelos: nenhum
Cartões vermelhos: nenhum

A mais criticada contratação do Guarani nos últimos anos transformou-se no grande ídolo da equipe. Graças à velocidade, oportunismo e muitos gols

C L Ó V I S

Nome: Clóvis Bento da Cruz
Data de nascimento: 25/7/1970
Local: Barra do Garças (MT)
Estado civil: solteiro
Peso: 74 kg
Altura: 1,76 m
Clubes anteriores: Barra do Garças-MT (1989), América-SP (1989 a 1993)
Contratado pelo Guarani para o Campeonato Brasileiro
Títulos: campeão paulista de aspirantes pelo América (1992)

Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 16;
Gols: 13;
Cartões amarelos: 1;
Cartões vermelhos: nenhum

Quando o Guarani anunciou a contratação do centroavante Clóvis junto ao América de Rio Preto (SP), às vésperas do Campeonato Brasileiro, pouca gente se interessou. Uma reação nada surpreendente, já que quase ninguém era capaz de se lembrar do futebol do atacante de 23 anos que disputara o Paulistão de 1993 sem ganhar destaque. Por isso, o máximo que a chegada do centroavante conseguiu provocar foi a ira dos conselheiros do Guarani, inconformados com os 350 000 dólares desembolsados pelo passe do jogador.

Mas aqueles que conheciam o talento desse mato-grossense de Barra do Garças desde o início de sua carreira não se surpreenderam com seu futebol de toques rápidos e um apurado faro de gol. "Jogando pelo América, Clóvis já havia mostrado todas as suas qualidades contra nós, na final do Campenato Paulista de Aspirantes, em 1992", lembra Beto Zini, presidente do Guarani. Quem deu o aval definitivo para a contratação, porém, foi o zagueiro Fernando. Depois de enfrentá-lo em dois amistosos contra o América, o capitão do Guarani garantiu: "Clóvis é uma contratação sem risco de erro."

Mesmo assim, o atacante ficou no banco de reservas durante os três primeiros jogos do Bugre no Brasileiro, só fazendo a sua estréia contra o Santos, no Brinco de Ouro da Princesa, quando marcou os dois gols da vitória de 2 x 1 e ganhou a vaga no time titular. "A rapidez de meu sucesso surpreendeu até a mim mesmo", afirma o centroavante.

Pudera. Quatro anos atrás, o atacante vestia a camisa do modesto Barra do Garças, do Mato Grosso, onde disputou o Estadual de 1989. Nas três temporadas seguintes, passou quase despercebido pelo América de Rio Preto até ser contratado pelo Guarani. "Qual outro atacante fez, como ele, um gol por partida nos primeiros nove jogos do Brasileiro?", pergunta Beto Zini, que já sonha em vender o artilheiro para o exterior por mais de 2 milhões de dólares. Ou seja, cada gol que Clóvis marcou no Campeonato valorizou-o em mais de 150 000 dólares. Nada mal para quem, em setembro, era apenas mais um anônimo camisa 9 do futebol brasileiro.

JUNINHO

O jovem meia tricolor mostra talento de craque e maturidade para reconhecer e corrigir deficiências

Desde que foi contratado por empréstimo junto ao Ituano-SP, para disputar o Brasileiro, o meia Osvaldo Giroldo Júnior, o Juninho, 20 anos, tem carregado uma grande responsabilidade no São Paulo: substituir à altura o consagrado Raí, que se transferiu em junho para o futebol francês. Vozes respeitadas dentro do São Paulo acreditam que o jogador tem qualidades suficientes para repetir o sucesso do antecessor. "Ele tem muita facilidade de correr com a bola dominada e de se deslocar de um lado para outro em frações de segundo. Características importantes e raras", elogia o experiente meio-campista Toninho Cerezo. O técnico Telê Santana também aposta em Juninho: "É um jogador veloz, que toca bem a bola e tem potencial de sobra para ter sucesso no futebol". Seu empréstimo terminava em dezembro e Juninho sonhava em ser contratado em definitivo. Por enquanto, os dólares da Europa não o seduzem. "Luto para conseguir uma chance na Seleção, minha maior pretensão no momento", declara. A fim de atingir seus objetivos, o meia trata de aprimorar suas qualidades e, principalmente, se adaptar à nova posição em campo. No Ituano, jogando mais à frente, era um dos artilheiros do time. No São Paulo, porém, armando jogadas no meio-de-campo, esqueceu-se dessa intimidade com as redes. "Conversamos muito sobre isso e também sobre o seu hábito de prender demais a bola", afirma Telê. Juninho aceita as críticas numa boa. "Tenho consciência desses meus defeitos e procuro corrigi-los nos treinos. É tudo questão de tempo", assegura.

Clube de infância: *Flamengo*
Ídolo: *Zico*
Jogo inesquecível: *São Paulo 3 x Ituano 3, Campeonato Paulista de 1992*
Gol inesquecível: *o 3º do Ituano naquela partida*
Melhor juiz: *os juízes paulistas, de maneira geral, são os melhores do país*
Melhor técnico: *existem muitos treinadores bons, mas prefere não destacar o melhor*
Melhor gramado: *Wilson de Barros (Mogi Mirim-SP)*
Melhor marcador: *Ezequiel, do Corinthians*

Nome: Osvaldo Giroldo Júnior
[illegible] 22/2/1973
Local: São Paulo (SP)
Estado civil: solteiro
Peso: 58 kg
Altura: 1,67 m
Clube anterior: Ituano-SP
Títulos: Supercopa, Recopa e Mundial Interclubes (1993)

Trajetória no Brasileiro de 1993
Jogos: 16,
Gols: 1
Cartões amarelos: 2,
Cartões vermelhos: nenhum

Os campeões d

Nenhum dos árbitros do Brasileiro atingiu a média de 7,5 exigida pelo regulamento. O troféu instituído por PLACAR ficou, assim, adiado para o próximo Campeonato

NELSON COELHO

Nunca as mães dos juízes foram tão maltratadas. Do começo ao fim do Campeonato, os erros de arbitragem se repetiram, irritando torcedores, dirigentes e jogadores. O festival de trapalhadas, organizado pela Cobraf (Comissão Brasileira de Arbitragem de Futebol), acabou provocando uma surpresa: nenhum juiz alcançou a média mínima de 7,5 para fazer jus o Apito de Ouro, premiação instituída por PLACAR no ano passado ao árbitro com melhor desempenho no Brasileiro.

A obrigatoriedade do coeficiente baseou-se no rendimento médio dos jogadores Bola de Ouro. Mas o desempenho sofrível dos homens de preto, avaliados por jornalistas de todo o país consultados por PLACAR a cada jogo, não permitiu médias superiores aos 6,66 alcançados pelo gaúcho José Mocellin. Logo atrás aparecem o mineiro Márcio Rezende de Freitas, com 6,55, e o goiano Antônio Pereira da Silva, com 6,35. Houve, é verdade, dois árbitros melhores, mas que não apitaram os trezes jogos exigidos pelo regulamento: foram o paulista Oscar Roberto de Godoy, com média 6,82, e o carioca José Roberto Wright, o único a superar os 7,5 — teve 7,7, mas apitando apenas a partida Remo 5 x Portuguesa 2, no Mangueirão. "Para mim as notas não passariam de 4", garante o ex-árbitro paulista Dulcídio Wanderley Boschilia, que encerrou a carreira em 1987.

Motivos para pensar assim não faltaram. Pênaltis não marcados, impedimentos inexistentes apontados erroneamente e gols legítimos anulados causaram confusões de

AS MAIORES PISADAS NA BOLA

Bahia 1 x 3 [illegible]	José Aparecido (SP)	[illegible]
Atlético-PR 0 x 0 Paraná	José Marcondes (PR)	Pênalti não marcado a favor do Paraná
Bahia 1 x 3 Corinthians	Wilson Mendonça (PE)	[illegible]
[illegible]	[illegible]	Nos dois gols o Santos tinha jogadores em impedimento
[illegible]	Wilson Mendonça (PE)	Permitiu a violência e não expulsou Nonato, que agrediu a bandeirinha [illegible]
[illegible]	Wilson Mendonça (PE)	Sem motivo levou o primeiro tempo a 51 minutos, quando Edmundo empatou
Palmeiras 0 x 1 Santos	[illegible]	Permitiu a [illegible]
Flamengo 2 x 0 Botafogo	Jorge Emiliano (RJ)	Não deu lei da vantagem e validou gol em impedimento
Portuguesa 2 x 0 Remo	Válter Senra (RJ)	Aceitou pressões da Lusa e anulou gol [illegible]
São Paulo 2 x 0 Remo	Cláudio Cerdeira (RJ)	Não deu dois pênaltis a favor do São [illegible]
Flamengo 1 x 1 Santos	Dalmo Bozzano (SC)	Não marcou pênalti a favor do Flamengo
Corinthians 2 x 2 Flamengo	Renato Marsiglia (RS)	Não deu dois pênaltis contra o [illegible]
[illegible]	Renato Marsiglia (RS)	[illegible] Edmundo, não marcado pelo bandeira, [illegible] Não deu pênalti contra o Palmeiras.

as trapalhadas

norte a sul do país. O campeão foi o pernambucano Wilson Souza Mendonça, alvo de críticas em três partidas diferentes. "É um incompetente", chegou a afirmar o técnico corintiano Mario Sérgio, antes e depois da vitória do Corinthians por 2 x 1 contra o Cruzeiro, no segundo turno. Mesmo assim, há quem inocente os juízes. "O grande erro é da Cobraf, por não promover cursos de reciclagem", aponta Armando Marques, atualmente inspetor de arbitragem da Confederação Sul-Americana. "Temos bons juízes tecnicamente, mas eles poderiam evoluir com um acompanhamento adequado."

Pelo visto, porém, os dirigentes pretendem colocar mais uma fornada desastrada no apito. Afinal, nem mesmo árbitros da nova geração, como o sergipano Sidrack Marinho e o paulista Silas Santana, convenceram, deixando vago também o prêmio destinado às revelações. "O mais curioso é que tudo evolui dentro de campo, menos os juízes", critica Dulcidio Wanderlei Boschillia. Sinal de que há muito trabalho pela frente para moralizar o futebol brasileiro. E fazer com que os homens vestidos de preto, pelo menos, não estraguem a beleza do futebol de nossos craques.

NELSON COELHO

SERGIO MORAES

O foco da vibração

A luta pela posse da bola, a alegria contagiante do gol, a festa da torcida — nossos fotógrafos clicaram todos os lances que fizeram do Brasileiro 93 uma grande festa

FOTOS RICARDO CORRÊA

CENAS DE UMA SUPERDECISÃO

O goleiro Dida (na página ao lado), do Vitória, subiu o mais que pôde. No ar, o corpo ágil, de 1,95 m, aguardava a chegada da bola. O ataque palmeirense e a zaga baiana parecem ter parado para admirar-lhe o salto, quase circense. Tão ou mais acrobático, o lateral alviverde Roberto Carlos (à esq.) antecipou-se à cabeçada do rubro-negro Alex Alves. A decisão do Brasileiro teve altas cenas de arrojo. Foi um prêmio para a torcida do Verdão, que há duas décadas não via o time levantar a taça de campeão do Brasil. E uma benção dos céus para o craque Edmundo (acima), saído de uma temporada no inferno quando chegou a ser barrado por indisciplina. Redimido, foi para a galera — braços abertos —, para vibração do criativo torcedor mascarado (no alto da página ao lado)

RONALDO KOTSCHO

O NARIZ NO LUGAR CERTO

Com fama de temperamental, o goleiro corintiano Ronaldo costuma ser acusado de meter o nariz onde não é chamado. Desta vez, ninguém ousou reclamar. Ao impedir a investida do santista Silva, ele recebeu o agradecimento dos companheiros Leandro Silva, Baré e Zé Elias. Trata-se de um goleiro que sabe onde põe o nariz

NELSON COELHO

UMA DIFERENÇA DE PESO

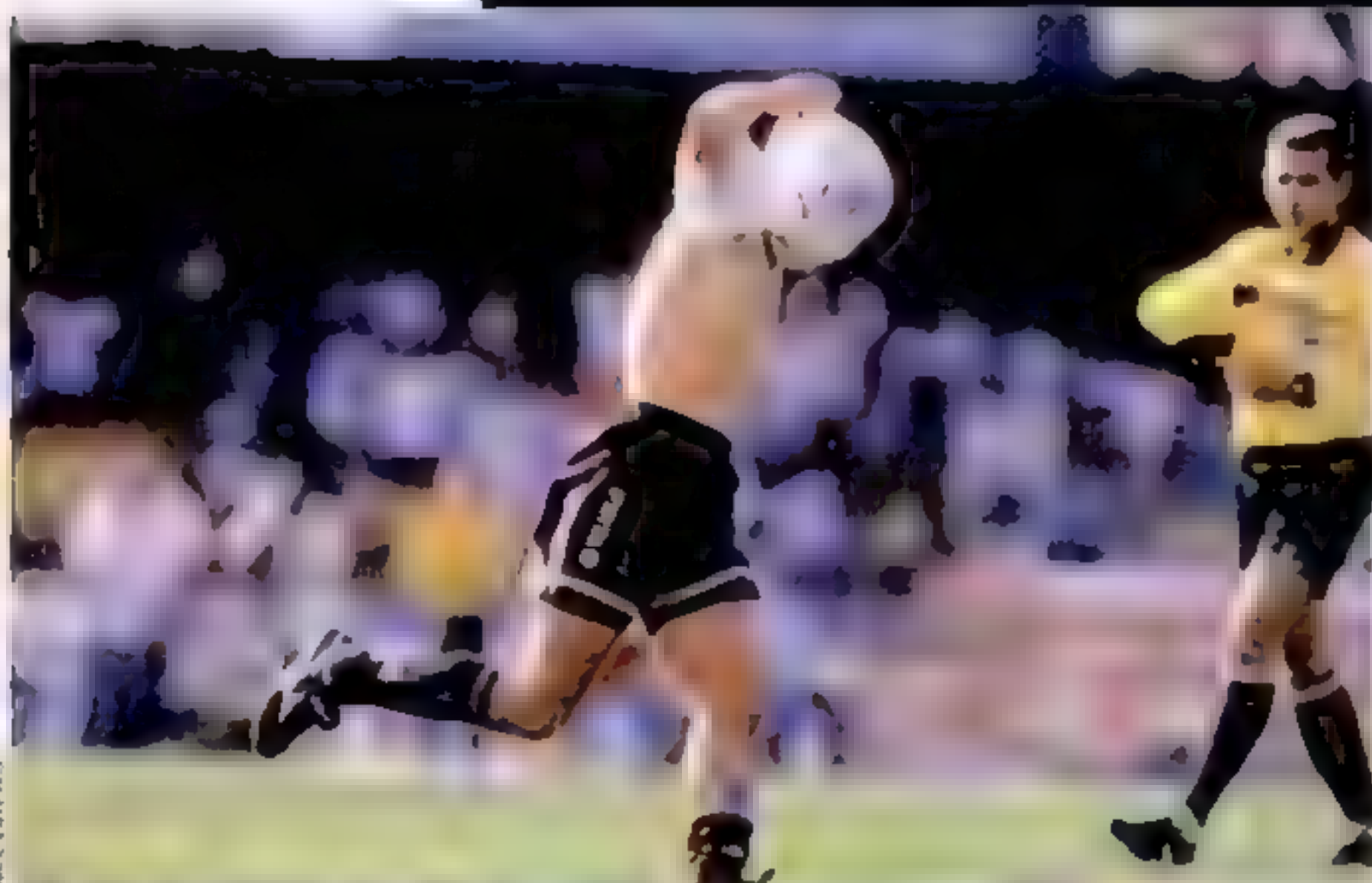
O atacante palmeirense Edílson (68 kg) constata que a sua diferença em relação ao zagueiro bugrino Adílson (75 kg) vai além da mudança de uma vogal no nome. Exatos 7 kg os separam. Desigual foi também o resultado da partida: 3 x 1 para o Palmeiras

VÔO DE GIGANTES

Eis aí, sem dúvida, uma disputa da maior estatura. O corintiano Rivaldo (1,86 m) sobe tudo o que pode para tentar ganhar o lance do flamenguista Casagrande (1,89 m). O jogo terminou em alto astral para as duas torcidas: 1 x 1

SERGIO MORAES

DESCANSO DE ZAGUEIRO

O Inter fez dezesseis gols — e tomou vinte. Farto de se dar mal na defesa, o zagueiro Adilson foi para a frente e marcou dois gols nos 3 x 0 contra o Cruzeiro. Depois, junto com o meia Djair, atirou-se numa mistura de comemoração e descanso — ambos merecidos

CARTÃO? QUE CARTÃO?

O garoto Zé Elias, ídolo da Fiel aos 17 anos, não pôde ver. Mas bastou tampar o rosto na comemoração do seu gol na vitória de 3 x 2 sobre o Santos, para o juiz Oscar Roberto de Godoi enfiar a mão no bolso e puxar o amarelinho

MARCANDO NA CHUVA

No Brasileiro de 1985, ele fez uma enxurrada de gols — vinte. De volta ao Guarani, aos 33 anos, Edmar passou a dar duro como meia. Contra o Santos, na Vila Belmiro, mesmo no chão, ajudou o lateral Narciso a marcar Silva. O jogão, sujeito a chuvas e trovoadas, terminou em 3 x 3

COM A CARA E A CORAGEM

Dar a cara para bater diante do graúdo central Júnior, do Santos, é prova de [illegible] coragem. O meia corintiano Simão parece ter encarnado toda a raça da Fiel neste lance, observado de perto pelo lateral Índio. Também com muita garra, o Timão acabou faturando o Peixe por 3 x 2

VAN DAMME... ZINHO

Foi falta por cima? Ou por baixo? Para impedir o avanço do lateral flamenguista Charles, o meia colorado Zinho exagerou. Com o braço, segurou o tórax do rubro-negro; com a perna esquerda, fez a alavanca. Depois, abandonou o kick-boxe e marcou o segundo gol da vitória do Inter por 2 x 0

Surpresas e emoções

Quem, no início, apostaria no Vitória para a Final, ou que o sempre forte Atlético-MG acabaria na lanterna? Fatos como esses tornaram o Brasileirão 93 emocionante. Baixado o pó, é hora de analisar a campanha de cada clube. Confira

Vice-campeão

O LEÃO RUGIU COMO NUNCA

Perder um título é sempre doloroso, mas a torcida do Vitória tem motivos de sobra para festejar. A começar pelo fato de, com o vice-campeonato, ter conquistado sua melhor classificação num Brasileiro — o máximo a que o clube havia chegado tinha sido o oitavo lugar de 1979. Para galgar à posição de segundo time do país, que lhe garante a presença na Taça Conmebol de 1994, o rubro-negro fez uma campanha brilhante. Em 24 partidas, perdeu apenas para Paysandu, Remo, Fortaleza e duas vezes para o campeão, o Palmeiras. Marcou 39 gols e construiu resultados arrasadores, como o 5 x 2 contra o Paysandu — quando vingou a derrota por 2 x 0. Não bastasse, o Leão baiano ainda lançou uma invejável safra de jogadores promissores. O goleiro Dida, o atacante Alex Alves e o meia Paulo Isidoro já despertam a cobiça dos maiores clubes brasileiros.

O ponta Pichetti contra o volante palmeirense Amaral: só o Verdão conseguiu conter o escalado baiano

O Vitória, que não disputava o Brasileiro desde 1990, mostrou um futebol rápido e envolvente e com força de marcação no meio-de-campo, embora ainda utilizasse o esquema 4-3-3, já abandonado por todos os times importantes do país. Saiu da competição esbanjando lucros e este superávit certamente renderá ainda mais em 1994

A preocupação, na verdade, estará voltada para a manutenção dos atacantes Claudinho e Pichetti, emprestados, e do meia Roberto Cavalo, dono de um verdadeiro "coice" nas cobranças de falta e que alugou seu passe ao rubro-negro baiano. Com eles, o Vitória continua um forte candidato a títulos nesta temporada.

A CAMPANHA	
Jogos:	24
Pontos ganhos:	30
Vitórias:	11
Empates:	8
Derrotas:	5
Gols pró:	39
Gols contra:	27
Artilheiro:	Claudinho (1[illegible] gols)

DERROTA QUE CUSTOU CARO

O São Paulo sofreu muito para reorganizar a equipe depois da saída do ídolo Raí. Na Primeira Fase, experimentou jogadores como Valdeir e Guilherme no ataque e Luis Carlos Goiano no meio-campo. Só chegou à sua formação ideal na Fase Final, colocando Toninho Cerezo e Leonardo nas meias e adiantando Palhinha para jogar junto a Müller. Resultado: o tricolor ganhou nove pontos na Segunda Fase até chegar ao esperado duelo contra o Palmeiras. Foi quando o cansaço apareceu. O time sentiu o peso da disputa de duas competições ao mesmo tempo — Supercopa e Brasileiro — e acabou derrotado pelo Palmeiras por 2 x 0, dando adeus às chances de conquistar seu quarto título brasileiro. Ainda assim, ninguém ousa discutir: o tricolor cumpriu a sua parte

A CAMPANHA	
Jogos:	20
Pontos ganhos:	26
Vitórias:	9
Empates:	8
Derrotas:	3
Gols pró:	27
Gols contra:	17
Artilheiro:	Palhinha (7 gols)

O São Paulo de Válber e Ronaldão não resistiu ao Palmeiras e ao cansaço no duelo pela vaga nas Finais

REGULAMENTO MATOU O TIMÃO

O Corinthians foi o melhor time do Brasileiro durante toda a Primeira Fase. Mesmo com um futebol extremamente defensivo, o Timão acumulou o maior número de pontos e chegou invicto às Semifinais. Aí, aconteceu a tragédia. Uma única derrota, para o Vitória, por 2 x 1, em Salvador, obrigou o Timão a correr atrás do prejuízo. É verdade que ainda bastava uma vitória no confronto direto, no Morumbi, mas um novo tropeço — empate em 2 x 2 — deixou o Vitória a um ponto da Final. Assim, nem a virada corintiana no clássico contra o Santos (2 x 1), na última rodada, permitiu que a melhor equipe do Campeonato disputasse a Final. Isso graças a um empate do Vitória em 1 x 1 com o Flamengo, no Maracanã. Só restou ao Corinthians chorar a falta de atenção ao assinar o regulamento da competição.

A CAMPANHA	
Jogos:	20
Pontos ganhos:	31
Vitórias:	12
Empates:	7
Derrotas:	1
Gols pró:	30
Gols contra:	18
Artilheiro:	Rivaldo (11 gols)

O corintiano Viola (pulando com o santista Júnior) saiu do Campeonato com uma única derrota no bogogera. Mistérios do regulamento

O MELHOR DOS ÚLTIMOS ANOS

O Santos não chegou até onde sua torcida sonhava, já que encerrou mais uma temporada — a nona consecutiva — sem conquistar um título. Para completar, por apenas um pontinho o Peixe perdeu para o São Paulo uma vaga na Copa Conmebol de 1994. O tricolor acumulou 26 pontos ganhos contra 25 dos

santistas. Menos mal que o quinto lugar foi a melhor colocação do clube no Brasileiro desde o vice-campeonato em 1983. A eficiência do ataque do Santos — marcou 35 gols e teve o artilheiro Guga com catorze — não foi suficiente para levar o time às Finais. Apesar da contratação de Ricardo Rocha, a zaga foi uma das piores da competição, sofrendo 26 gols. Como consolo, restaram duas alegrias ao torcedor: até sair do Brasileiro, o Peixe era o único time a derrotar o aparentemente imbatível Palmeiras. E duas vezes: 3 x 1, na Vila Belmiro, e 1 x 0, no Parque Antártica.

A CAMPANHA	
Jogos:	20
Pontos ganhos:	25
Vitórias:	9
Empates:	7
Derrotas:	4
Gols pró:	35
Gols contra:	26
Artilheiro:	Guga (14 gols)

Fabinho perde a disputa da bola: retrato de um Flamengo sem gás

UMA GOLEADA PELA HONRA

O Guarani fez sua melhor campanha no Campeonato Brasileiro desde o vice-campeonato de 1986. Mesmo assim, os maus resultados nas Semifinais, quando ficou sem chances de classificação ao final do Primeiro Turno, provocaram sérias críticas ao time de Campinas. Apesar disso, a torcida ainda pôde viver um grande momento. Na última partida, contra o Remo, no Brinco de Ouro da Princesa, o Bugre aplicou a maior goleada do Campeonato: 8 x 2. O massacre contra os paraenses serviu para mostrar que a equipe — apoiada no talento do meia Djalminha e no oportunismo do centroavante Clóvis, uma das revelações da temporada — tinha condições de disputar diretamente uma vaga na Final. Outra vez, porém, faltou ao Bugre a maturidade dos grandes campeões.

A CAMPANHA	
Jogos:	20
Pontos ganhos:	22
Vitórias:	9
Empates:	4
Derrotas:	7
Gols pró:	33
Gols contra:	25
Artilheiro:	Clóvis (13 gols)

O goleador Clóvis foi um dos destaques da boa campanha do Guarani

CANSAÇO VENCE A MÍSTICA

Desta vez, não valeu a velha mística da camisa rubro-negra. O Flamengo se superou na Primeira Fase, venceu o cansaço pelas disputas simultâneas da Supercopa e do Brasileiro e conseguiu a vaga nas Semifinais. Na reta de chegada, no entanto, foi impossível superar todos os problemas. Mesmo sem dinheiro, com salários e bichos atrasados, o culpado pela eliminação foi outro: o esgotamento físico. O time cedeu empates, perdendo pontos preciosos, no segundo tempo dos dois jogos contra o Corinthians (1 x 1 e 2 x 2) e na partida contra o Santos, no Maracanã (1 x 1). Com esses três pontos, o rubro-negro estaria até a última rodada na disputa para chegar à Final. E, aí, a velha mística poderia provar sua validade.

A CAMPANHA	
Jogos:	20
Pontos ganhos:	20
Vitórias:	6
Empates:	8
Derrotas:	6
Gols pró:	22
Gols contra:	24
Artilheiros:	Casagrande e Marcelinho (5 gols)

DE NOVO NA ELITE EM 94

A má campanha nas semifinais não desmerece o desempenho do Remo no Brasileiro. Apesar de sofrer do Guarani a maior goleada de toda a competição (8 x 2), o oitavo lugar é sua melhor colocação na história do Campeonato. Além disso, a classificação na Primeira Fase representou a eliminação do arquirrival Paysandu. Enquanto a equipe azulina fazia 4 x 0 no Goiás, em Belém, o Papão perdia para o Vitória por 5 x 2, em Salvador. Depois, no cruzamento dos grupos C e D, o time massacrou a Portuguesa por 5 x 2, no Mangueirão, e garantiu a vaga mesmo perdendo no Canindé (2 x 0). Com isso, o Remo continua na elite do futebol brasileiro em 1994.

A CAMPANHA	
Jogos:	22
Pontos ganhos:	19*
Vitórias:	9
Empates:	3
Derrotas:	10
Gols pró:	37
Gols contra:	38
Artilheiro:	Agnaldo (10 gols)

*Os dois pontos ganhos no cruzamento C x D não são computados para a classificação final.

ESTRELA BRILHOU TARDE DEMAIS

Nem o esboço de recuperação botafoguense, no final de sua campanha, apagou a má impressão de sua participação no Brasileiro. O time passou oito rodadas sem marcar gols e só venceu duas partidas (2 x 0 contra o Inter e 3 x 0 no Bahia). Foi a sua pior campanha desde 1979, ano em que foi o 54º colocado. Caso o regulamento de 1993 previsse o rebaixamento, o clube que terminou em 31º lugar disputaria o Campeonato de 1994 na Segunda Divisão. O único a não se mostrar muito preocupado com tudo isso foi o técnico Carlos Alberto Torres. Em meio às dificuldades alvinegras, ele ainda encontrou tempo para contar piadas: Jesus Cristo colocou-o para treinar o Fogão como uma espécie de compensação por todas as glórias que obteve em seus tempos de jogador.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	6
Vitórias:	2
Empates:	2
Derrotas:	10
Gols pró:	7
Gols contra:	21
Artilheiros:	Róbson e Sinval (2 gols)

Sinval foi o destaque do fraco ataque botafoguense. É seu artilheiro, com modestos dois gols

PIOR GALO DA HISTÓRIA

Quem se acostumou a assistir ao grande Atlético Mineiro dos anos 70 demorou a acreditar que a equipe que disputou o Brasileiro de 1993 fosse formada na Vila Olímpica. O Galo terminou sua campanha na última colocação entre todos os 32 participantes, com apenas quatro pontos. De quebra, conseguiu igualar-se ao Botafogo como o pior ataque, marcando apenas sete gols. Título, o Galo só conseguiu um: o de campeão da troca de treinadores. Da primeira à última rodada, Otacílio Gonçalves, Moisés, Mussula e Vantuir sentaram-se no banco de reservas. A campanha, no entanto, forneceu uma explicação para uma antiga

SUCESSO SÓ EM CASA

Nenhum time dos Grupos C e D empatou tantas vezes: sete em catorze partidas. O resultado foi a eliminação das finais do Brasileiro e, mais grave, o rebaixamento para a Segunda Divisão de 1994 — o Coritiba terminou na sexta colocação de seu grupo. Assim, os momentos de alegria dos coxas restringiram-se aos jogos domésticos. Nos dois clássicos disputados contra o arquiinimigo Atlético Paranaense, durante a campanha, o Coritiba arrebatou três pontos — uma vitória por 3 x 1 e um empate sem gols. Mas o sonho de melhor campanha no Brasileiro ficou para daqui a dois anos. Isso, se tiver êxito na Segundona em 1994.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	13
Vitórias:	3
Empates:	7
Derrotas:	4
Gols pró:	10
Gols contra:	15
Artilheiro:	[illegible] (3 gols)

VEXAME PARANAENSE

O Atlético-PR conseguiu o que parecia impossível: fazer um Campeonato tão ruim quanto o de 1992. O rubro-negro passou todo o primeiro turno sem vencer ninguém e, ao final de sua campanha, conseguiu apenas três vitórias. De quebra, foi o penúltimo colocado do Grupo D, com doze pontos, e melhor apenas que Goiás, Fortaleza e Desportiva na colocação geral dos Grupos C e D. Além de tudo, os atleticanos ouviram as gozações de coxas e tricolores, por ser o pior dos times paranaenses. Mas houve uma coisa boa da campanha de 1992 que também funcionou em 1993: o centroavante Ozias, autor de dez gols. Só que, desta vez, pelo União São João.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	12
Vitórias:	3
Empates:	6
Derrotas:	5
Gols pró:	14
Gols contra:	16
Artilheiro:	João C. Carvalho (3 gols)

reivindicação da diretoria atleticana. Em 1992, Afonso Paulino, presidente do Atlético e do Clube dos Treze, defendia o fim do rebaixamento para os grandes clubes. Quem não compreendeu na época entende agora que Paulino tinha bons motivos para pensar assim.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	4
Vitórias:	1
Empates:	2
Derrotas:	11
Gols pró:	7
Gols contra:	[illegible]
Artilheiro:	[illegible]

ILUSÃO DUROU POUCO

O início do Campeonato ofereceu algumas ilusões aos tricolores. Afinal, o Flu dificultou a vida do Grêmio na estréia, em Porto Alegre (perdeu por 3 x 2) e venceu o Santos em plena Vila Belmiro (2 x 0). Rapidamente, no entanto, os torcedores perceberam que tudo não passava de fogo de palha. Nas partidas seguintes, o time das Laranjeiras só colecionou insucessos. Ao final do campeonato, os números tricolores eram cruéis: penúltimo colocado do Grupo B, com apenas oito pontos, e a segunda defesa mais vazada da competição, com 26 gols sofridos — só o Bahia, com 29, teve uma defesa pior. Assim, os tempos em que o Flu tinha um time vencedor ficaram nas lembranças. Resta a esperança de melhor sorte em 1994.

Nilson: um dos poucos que se salvaram na campanha do Flu

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	8
Vitórias:	3
Empates:	[illegible]
Derrotas:	[illegible]
Gols pró:	[illegible]
Gols contra:	[illegible]
Artilheiro:	[illegible]

Gutemberg dribla Nei, do Paraná: o América só foi bem no início

DO SONHO AO REBAIXAMENTO

A torcida americana começou o Brasileiro sonhando alto, mas terminou chorando uma amarga decepção. Enquanto o América somava vitórias, Cruzeiro e Atlético colecionavam derrotas nos Grupos A e B. Tudo parecia significar que o campeão mineiro seria a nova força do futebol local. Mas, no segundo turno, o time caiu para o bloco intermediário do Grupo D e a esperança passou a ser a sobrevivência na Primeira Divisão. Nem isso foi possível. Na última rodada, um 0 x 0 contra a Desportiva provocou o rebaixamento do Coelho. E o sonho de ser grande ficou para o distante ano de 1995.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	14
Vitórias:	[illegible]
Empates:	[illegible]
Derrotas:	[illegible]
Gols pró:	[illegible]
Gols contra:	[illegible]
Artilheiro:	[illegible]

ARRASADOR SÓ NO INÍCIO

No começo do Campeonato, os menos atentos até chegaram a encarar o Ceará como um dos candidatos a vaga nas finais. Nos dois primeiros jogos, o time teve vitórias contra Fortaleza e Goiás. Mas bastou o confronto com o Vitória para o Ceará mostrar quem era de fato. Sofreu uma derrota por 3 x 0, em casa, e começou a cair para as posições intermediárias — foi o quinto colocado do Grupo C. Desse modo, a equipe não evitou o rebaixamento para a Segunda Divisão de 1994. Com isso, depois de oito anos longe do Brasileirão — o Ceará não disputava a Primeira Divisão desde 1985 —, a equipe está de volta ao grupo dos pequenos.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	[illegible]
Vitórias:	[illegible]
Empates:	1
Derrotas:	7
Gols pró:	[illegible]
Gols contra:	[illegible]
Artilheiro:	Júnior Xavier e [illegible] (4 gols)

AINDA NÃO FOI DESTA VEZ

O Cruzeiro começou o Campeonato em posição cômoda. Garantida a vaga para a Libertadores de 1994 — foi o campeão da Copa do Brasil de 1993 —, esperava-se que a Raposa fizesse da tranquilidade a grande arma para abocanhar o título. Seu futebol durante a competição, contudo, decepcionou. Depois de uma estréia nada animadora (derrota de 2 x 0 para o Corinthians), a diretoria passou a buscar reforços. O goleiro Sérgio (ex-Santos) e o zagueiro Toninho (ex-Palmeiras) foram contratados, mas o time continuou acumulando maus resultados. O desespero chegou ao ponto de, no final do returno, contra o Corinthians, o lateral-esquerdo Nonato agredir a bandeirinha Maria Edilene Siqueira (PE), reclamando impedimento no gol que desclassificou a equipe. Como consolo, resta à torcida festejar a afirmação do centroavante Ronaldo, 17 anos, autor de cinco gols na goleada (6 x 0) sobre o Bahia e a maior esperança para o Campeonato Mineiro de 1994.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	14
Vitórias:	6
Empates:	2
Derrotas:	6
Gols pró:	22
Gols contra:	18
Artilheiro:	Ronaldo (12 gols)

A defesa do Bahia sobe contra o são-paulino Ronal

Ademir desarma: coisa rara no Cruzeiro em 1993

NELSON COELHO

NEM OS ORIXÁS DERAM JEITO

Campeão brasileiro em 1988 e estadual em 1993, o Bahia começou o Campeonato encarado como uma das forças da competição. Dentro de campo, porém, o time não justificou o respeito dos adversários. O início até pareceu promissor. Um empate (1 x 1) contra o Flamengo, na Fonte Nova, foi recebido com otimismo pela torcida. Mas uma sucessão de derrotas em seguida deixaram a equipe numa situação difícil na tabela. Nem a experiência de seus maiores craques — Rodolfo Rodríguez, no gol, Arturzinho, no meio-campo; e Naldinho, no ataque — conseguiu dar consistência ao time. Resultado: o desespero para recuperar pontos fez o tricolor

ORGULHO DO INTERIOR

Durante dois meses, a cidade de Araras, a 171 km de São Paulo, viveu a expectativa de reeditar Campinas com a campanha do Guarani de 1978. Afinal, se o União São João não sonhava com o título, tinha certeza de ficar entre os finalistas. Sua principal arma era o ataque, comandado pelo centroavante Ozias, autor de dez gols. Com ele, a equipe chegou à última rodada precisando só do empate. Na hora H, porém, faltou ao União espírito de decisão. Mesmo assim, o time teve o segundo melhor ataque do Grupo D, com 21 gols, e melhor defesa dos Grupos C e D, ao lado do Paraná (onze gols sofridos) e assegurou a vaga na Primeira Divisão de 1994. Motivo mais do que justo para o caçula do Brasileiro se orgulhar.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	16
Vitórias:	6
Empates:	4
Derrotas:	4
Gols pró:	21
Gols contra:	11
Artilheiro:	Ozias (10 gols)

VOLTANDO A SER PEQUENO

Parece estar encerrada a fase em que o Goiás sonhava com classificações para as fases decisivas do Brasileirão. O alviverde fez feio em 1993 (apenas duas vitórias) e apresentou a segunda pior defesa dos grupos C e D — 22 gols sofridos, ao lado do Fortaleza e à frente somente da Desportiva. Embora a culpa pelo fiasco seja a falta de investimentos da diretoria, foram os treinadores que pagaram o pato: dois deles perderam o emprego durante a campanha — Gildásio Barbosa e Roberval Davino — e o time terminou o Campeonato com Rubens Fantatto. Resultado: a equipe sofrerá na próxima temporada. Pela primeira vez desde 1980, o Goiás, sétimo colocado do Grupo C, não disputará a série principal do Brasileirão.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	10
Vitórias:	2
Empates:	6
Derrotas:	6
Gols pró:	12
Gols contra:	22
Artilheiro:	Vivinho (4 gols)

...cima ou por baixo, o mais vulnerável do Campeonato

perder a cabeça. Contra o Corinthians, no primeiro turno, um diretor do clube invadiu o campo, agrediu o juiz e o Bahia perdeu o mando de duas partidas. Contra o Cruzeiro, sofreu a maior goleada do Campeonato — 6 x 0. Sua defesa, a pior do certame, tomou 29 gols. Uma campanha de deixar os orixás envergonhados.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	8
Vitórias:	2
Empates:	4
Derrotas:	8
Gols pró:	10
Gols contra:	29
Artilheiro:	Marcelo (3 gols)

TROPEÇO SEM DESCULPAS

Cansaço pela maratona de jogos, perseguição dos juízes ou azar. As desculpas mais comuns para os derrotados não parecem servir ao Bragantino. Na verdade, o alvinegro, que tinha boas chances de ir para as semifinais, perdeu pontos preciosos. Contra o Botafogo, por exemplo, empatou duas vezes (0 x 0 e 1 x 1). Em Salvador, deixou dois pontos (Bahia, 1 x 0) e, contra Inter e São Paulo, permitiu o empate após estar vencendo por 3 x 1 e 3 x 0, respectivamente. À torcida só resta lamentar o fato de o espírito de time de chegada ter abandonado o Bragantino, vice-campeão brasileiro em 1991

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	13
Vitórias:	2
Empates:	9
Derrotas:	3
Gols pró:	16
Gols contra:	16
Artilheiros:	Silvio e Claudinho (3 gols)

Marcelo Prates contra o corintiano Válber: o Bragantino levou a pior

FLÁVIO CANALONGA

O Paysandu de Carlinhos: decepção

DECEPÇÃO NA CHEGADA

Na última rodada, bastava um empate para o Paysandu assegurar sua participação no quadrangular decisivo dos Grupos C e D. E a torcida não tinha dúvidas de que conseguiria o ponto necessário. Mas a equipe decepcionou. Primeiro, pela derrota de 5 x 2 para o Vitória. Depois, porque o mau resultado ajudou o arquiinimigo Remo a garantir a presença no quadrangular. Só restou um argumento para a torcida: em 1994, o Paysandu disputará pela terceira vez consecutiva a Primeira Divisão do Brasileiro, o que não acontecia desde 1983.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	17
Vitórias:	6
Empates:	5
Derrotas:	3
Gols pró:	15
Gols contra:	13
Artilheiro:	Marcos Roberto (3 gols)

SÓ FALTARAM DOIS EMPATES

Durante toda a primeira fase, o Criciúma ensinou a receita do óbvio. Jogando em casa, conseguia bons resultados e até ameaçava os líderes do Grupo D. Mas bastava sair de Santa Catarina para cair na vala dos derrotados. Em seus dois primeiros jogos no campo do adversário, por exemplo, sofreu dez gols, em goleadas de 5 x 2, contra a Portuguesa, e 5 x 1, contra o União São João. Esses maus resultados afastaram a equipe da luta pela classificação. Afinal, se conseguisse ao menos dois empates nessas partidas, o Tigre alcançaria os dezessete pontos e lutaria em pé de igualdade com Portuguesa e Paraná. Sem isso, só restou a garantia de disputar a Primeira Divisão em 1994

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	15
Vitórias:	6
Empates:	3
Derrotas:	5
Gols pró:	16
Gols contra:	20
Artilheiro:	Everaldo (4 gols)

QUEDA LIVRE NA RETA FINAL

O Sport não chegou sequer a disputar a final do Campeonato Pernambucano. Mesmo assim, o time, que contava com bons jogadores — os experientes Moura, Bizu e Nivaldo, por exemplo —, prometia incomodar os grandes clubes do Grupo B. Em parte conseguiu a façanha, se é que se pode chamar assim as vitórias e os empates contra Vasco, Atlético-MG e Fluminense, clubes que fizeram péssimas campanhas.
No primeiro turno, até que a equipe se manteve, com oito pontos, entre as equipes com mais chances de classificação para as semifinais.
Na segunda fase, porém, a defesa resolveu contribuir com os ataques adversários e o clube despencou na classificação. Foram cinco derrotas em sete jogos, incluindo uma goleada de 5 x 2 para o Vasco, em plena Ilha do Retiro. Assim, o clube ficou no modesto sexto lugar no Grupo B. E, a julgar pelo futebol apresentado na competição, o Sport terá de melhorar muito para recuperar a hegemonia em Pernambuco.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	11
Vitórias:	4
Empates:	3
Derrotas:	7
Gols pró:	10
Gols contra:	21
Artilheiro:	Moura (3 gols)

NEM REFORÇOS RESOLVERAM

O Brasileiro já tinha começado quando o Grêmio foi buscar as suas duas maiores contratações: Branco, lateral-esquerdo titular da Seleção de Parreira, e o habilidoso meia Carlos Alberto Dias, ex-Vasco. Mas nem com reforços desse porte o tricolor gaúcho conseguiu ganhar padrão de jogo. O técnico Luís Felipe chegou a experimentar dez jogadores diferentes nas posições do meio-de-campo, tamanha a instabilidade do time. O Grêmio chegou a aplicar duas grandes goleadas no Vasco — 4 x 2 e 4 x 1 —, mas acabou

RICARDO CORRÊA

Biro-Biro tenta parar Zinho, contra o Palmeiras: nem o esforço tirou o Sport das últimas colocações

APOSTA PERDIDA NOS VETERANOS

Com um elenco em que despontavam veteranos como o meia Elói e o goleiro Rafael, o Fortaleza apostou na experiência dos jogadores (média de idade de 29 anos) para fazer bonito. Mas, em um campeonato tão desgastante, a tática não deu bons resultados. Com derrotas e empates dentro de casa, o tricolor terminou o primeiro turno com apenas três pontos. A cabeça do técnico Geninho rolou e, em seu lugar, entrou Newton Albuquerque. Nada mudou, todavia. A baixa pontuação bastou para o time perder a motivação no returno e ficar na lanterna do Grupo D. Para piorar, perdeu duas vezes para o rival Ceará (1 x 3 e 0 x 1). Com tantos vexames, muita coisa deverá mudar no Fortaleza para 1994.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	9
Vitórias:	2
Empates:	5
Derrotas:	7
Gols pró:	11
Gols contra:	22
Artilheiro:	Sérgio ([illegible] gols)

UM BOM INÍCIO, MAS DEPOIS...

Vencer um clássico na primeira rodada pode ser o prenúncio de uma boa campanha. Com o Náutico aconteceu o inverso. Após derrotar o rival Santa Cruz (2 x 1) na estréia do Brasileirão, o time curtiu um jejum de oito jogos sem vitória e perdeu o rumo da classificação. Quatro vitórias nas últimas cinco partidas, incluindo outros 2 x 1 no Santa Cruz, não foram suficientes para colocar o alvirrubro entre os dois primeiros colocados. Um resultado até certo ponto esperado para uma equipe jovem e sem grandes nomes. De qualquer modo, o Náutico conseguiu se sustentar na quarta posição do grupo C e voltará a disputar a Primeira Divisão do Brasileiro em 1994.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	14
Vitórias:	5
Empates:	4
Derrotas:	5
Gols pró:	14
Gols contra:	10
Artilheiro:	Paulo Lemos (4 gols)

Luciano braca Evair: faltou tempo para o Grêmio se recuperar

perdendo jogos fáceis. E perdendo também a cabeça. Na primeira partida contra o Santos, em Porto Alegre, o diretor de futebol do clube, Fernando Pinto, invadiu o campo para agredir o juiz Léo Feldman, que assinalou o pênalti que deu a vitória aos paulistas. Resultado: o Grêmio teve de mandar duas partidas em Florianópolis, Santa Catarina. No finalzinho do Brasileiro, bem que o tricolor reagiu. Não havia mais tempo, porém.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	15
Vitórias:	6
Empates:	3
Derrotas:	5
Gols pró:	20
Gols contra:	17
Artilheiros:	Gilson e Charles (3 gols)

A MÁQUINA NÃO SAIU DO PAPEL

O Colorado não fez por menos: contratou quase um time inteiro para o Brasileiro. De zagueiros (Marcão, Adilson e Vladimir) a atacantes (Paulinho e Vágner) e meio-campistas (Daniel Frasson, Djair e Mazinho Oliveira), desembarcaram no Beira-Rio jogadores pretendidos pelos maiores clubes do país.
No papel, o técnico Falcão tinha um timaço.
Em campo, como é próprio dos times reunidos às pressas, o Inter andou aos trancos e barrancos.
Tinha tudo para se classificar,

Paulinho chegou para reforçar o Inter. Não resolveu

mas, na reta final, pecou pela falta de entrosamento.
É verdade que jogou o fino contra o São Paulo, em Porto Alegre, no empate em 1 x 1.
No jogo seguinte, porém, conseguiu a suprema proeza de perder por 2 x 0 para o Botafogo, reabilitando a pífia equipe carioca e dizendo adeus à classificação, depois de ser goleado pelo Cruzeiro por 4 x 1, no Mineirão — perdeu a vaga para São Paulo e Flamengo.
De qualquer modo, se mantiver o elenco para 1994, o Inter terá time para chegar lá.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	14
Vitórias:	5
Empates:	4
Derrotas:	5
Gols pró:	17
Gols contra:	20
Artilheiro:	Paulinho (3 gols)

CATORZE JOGOS, SÓ UMA VITÓRIA

A Desportiva não prometia e cumpriu. Ancorado apenas na experiência do ex-flamenguista Andrade, o time grená entrou no Campeonato tentando não ficar entre os últimos. Missão inglória para quem já fizera uma campanha modesta no Estadual e investiu muito pouco em contratações. Resultado: dos catorze jogos que disputou, perdeu a metade e venceu apenas um (1 x 0, contra o União São João), ficando com a pior campanha [illegible] participantes dos grupos C e D. Nem a troca do técnico Dudu por Marcos Nunes no início do certame impediu que o único representante do futebol capixaba caísse para a Segunda Divisão em 1994.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	8
Vitórias:	1
Empates:	6
Derrotas:	7
Gols pró:	9
Gols contra:	19
Artilheiro:	Barbosa (3 gols)

SEM CONJUNTO, O SANTA CAIU

Campeão Pernambucano de 1993, o Santa Cruz voltou à Primeira Divisão do Brasileirão — tinha sido rebaixado em 1988 — credenciado a repetir as boas campanhas da década de 70. A diretoria decidiu, então, reforçar o elenco, contratando, entre outros, o veterano Cláudio Adão. O desentrosamento, porém, custou caro ao tricolor e a falta de regularidade persistiu até o final da competição. Com apenas doze pontos ganhos, está fora da Primeira Divisão em 1994. Ao tricolor sobraram as lamentações pela falta de sorte: se tivesse ao menos empatado os clássicos contra o Náutico (perdeu os dois jogos por 2 x 1), teria evitado o rebaixamento. Pena que o se não existe no futebol.

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	12
Vitórias:	5
Empates:	2
Derrotas:	7
Gols pró:	20
Gols contra:	17
Artilheiros:	Cláudio Adão e Serginho (3 gols)

FALTOU CORAGEM PARA RENOVAR

O Vasco, bicampeão carioca, confiou demais em seus últimos títulos estaduais e no terceiro lugar no Brasileirão de 1992 e trouxe apenas os veteranos meio-campistas Bernardo e Silas como reforços. A vitória na estréia (1 x 0 no Atlético-MG) pareceu ser um bom presságio, mas nas rodadas seguintes logo ficou claro que ou a escalação mudava ou o time não iria muito longe na competição. Desmotivados e em má fase, Bernardo e Silas não davam consistência ao meio-campo, comprometendo a eficiência tanto do ataque como da defesa. Como eram "reforços" que a diretoria conseguira junto ao empresário Juan Figger, o treinador Alcir Portella escalava-os apesar de tudo. Só nas últimas rodadas, o técnico tomou coragem para apostar nos jovens Yan, Gian, França, Junior e Pedro Renato. Renovado, o time aplicou uma goleada no Sport (5 x 2), em Recife, e ameaçou reagir. Porém era tarde demais. A duas rodadas do final, o Vasco já estava desclassificado

Pedro Renato foi um dos garotos lançados por Alcir. Mas a juventude chegou tarde

A CAMPANHA	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	13
Vitórias:	5
Empates:	3
Derrotas:	6
Gols pró:	19
Gols contra:	20
Artilheiro:	Valdir (7 gols)

O FIM NO MEIO DO CAMINHO

Do primeiro para o segundo turno, a Portuguesa passou das colocações intermediárias do Grupo D para a ponta da tabela, alimentando esperanças de classificação. Foi então que aconteceu o imprevisto. Para fugir à rotina de demitir treinadores, a Lusa viu Pepe trocando o Canindé pela Vila Belmiro por livre e espontânea vontade. Em seu lugar entrou Antônio Lopes, que conseguiu classificar a equipe para as finais do Grupo C. Depois, viu sua equipe sucumbir frente ao Remo com uma goleada de 5 x 2, em Belém. No Canindé a Portuguesa chegou até a impedir a transmissão ao vivo da partida, tentando intimidar o adversário. Mas, mais uma vez, a Lusa ficou pelo caminho.

A CAMPANHA*	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	17
Vitórias:	6
Empates:	3
Derrotas:	5
Gols pró:	27
Gols contra:	21
Artilheiro:	[illegible] (9 gols)

*Os seis jogos jogados no Cruzamento C x D não são computados para a classificação final

O Paraná do goleiro Gralak: faltaram gols

EMPATANDO NA HORA ERRADA

Durante a primeira fase, o Paraná criou sua receita para chegar às finais: ganhar em casa e empatar no campo do inimigo. A fórmula deu certo na segunda parte. Fora de casa, o tricolor conquistou os sete pontos planejados, com uma derrota, uma vitória e cinco empates. A falha nos jogos caseiros se repetiu no cruzamento dos Grupos C e D. O empate em Curitiba contra o Vitória obrigou o time a vencer em Salvador. Só que mais uma vez não saiu do 0 x 0. E voltou para Curitiba sem a tão sonhada vaga.

A CAMPANHA*	
Jogos:	14
Pontos ganhos:	17
Vitórias:	6
Empates:	7
Derrotas:	2
Gols pró:	18
Gols contra:	12
Artilheiro:	[illegible] (4 gols)

*Os seis jogos jogados no Cruzamento C x D não são computados para a classificação final

Raio-X do Campeonato

O melhor ataque, a melhor defesa, o maior e o menor público, as rendas, as goleadas — enfim, todos os números do Brasileiro estão aqui

JOGOS DA 1ª FASE

GRUPO A

BAHIA		1x0	1x0	1x3	1x3	1x1	0x1	1x1
BOTAFOGO	3x0	-	3x1	0x1	0x1	0x1	2x0	0x4
BRAGANTINO	0x2	0x0	-	0x0	4x0	5x1	0x1	0x0
CORINTHIANS	3x1	5x1	2x1	-	3x1	1x0	2x0	1x0
CRUZEIRO	0x0	3x0	1x0	0x2	-	1x3	4x1	1x1
FLAMENGO	0x1	3x0	1x1	1x1	0x1	-	3x0	2x0
INTERNACIONAL	1x0	1x0	1x1	1x1	3x0	2x0	-	1x1
SÃO PAULO	2x0	3x0	3x1	2x1	2x0	2x0	0x2	-

GRUPO B

ATLÉTICO-MG		1x2	0x0	1x0	2x2	1x1	0x1	1x3
FLUMINENSE	2x0	-	0x1	1x2	2x4	3x4	0x0	1x3
GRÊMIO	2x0	3x2	-	0x1	1x1	0x1	2x1	4x1
GUARANI	2x0	3x1	2x2	-	1x1	2x1	2x0	2x0
PALMEIRAS	1x0	2x1	3x1	3x1	-	0x1	3x0	2x0
SANTOS	1x0	0x2	2x0	3x3	3x1	-	3x0	1x1
SPORT	2x1	1x1	1x0	0x0	1x2	0x2	-	2x5
VASCO	1x0	2x0	2x4	0x0	0x1	1x1	0x1	-

GRUPO C

CEARÁ	-	3x1	3x1	1x0	2x0	2x1	0x1	0x3
FORTALEZA	0x1	-	1x1	1x1	0x2	2x1	1x2	3x1
GOIÁS	2x2	0x0	-	3x0	0x0	1x3	1x0	0x3
NÁUTICO	2x1	3x1	0x0	-	0x0	1x0	2x1	0x2
PAYSANDU	1x0	1x0	1x1	1x1	-	1x1	2x1	2x0
REMO	2x0	0x0	4x0	2x1	2x1	-	3x1	2x0
SANTA CRUZ	3x0	1x1	0x1	1x2	0x1	5x1	-	0x0
VITÓRIA	2x1	0x0	3x1	4x1	5x2	2x1	2x1	-

GRUPO D

AMÉRICA-MG		0x0	0x0	0x0	0x0	2x2	4x1	1x3
ATLÉTICO-PR	5x1	-	1x3	0x1	2x2	0x0	0x0	0x3
CORITIBA	1x0	0x0	-	1x1	0x0	0x0	2x2	1x1
CRICIÚMA	3x2	2x0	1x0	-	2x1	0x1	1x2	1x1
DESPORTIVA	1x0	1x1	0x1	3x2	-	0x0	0x0	1x0
PARANÁ	1x3	3x0	3x0	2x0	4x1	-	1x0	3x0
PORTUGUESA	1x2	2x0	3x0	5x2	3x1	1x0	-	2x1
UNIÃO	0x0	0x1	3x1	5x1	2x0	0x1	2x1	-

SEMIFINAIS

GRUPO E

	CORINTHIANS	FLAMENGO	SANTOS	VITÓRIA
CORINTHIANS	-	2X2	3X2	2X2
FLAMENGO	1X1	-	1X1	1X1
SANTOS	1X2	2X1	-	3X3
VITÓRIA	2X1	1X0	2X2	-

GRUPO F

	GUARANI	PALMEIRAS	SÃO PAULO	REMO
GUARANI	-	3X2	0X1	0X2
PALMEIRAS	3X0	-	0X0	1X1
SÃO PAULO	0X2	0X2	-	2X0
REMO	1X1	1X2	0X1	-

FINAIS

VITÓRIA 0 X 1 PALMEIRAS

PALMEIRAS 2 X 0 VITÓRIA

Obs.: Os resultados obtidos dentro de casa são encontrados na linha horizontal. Na linha vertical estão os resultados conseguidos fora de casa.

MÉDIAS DE PÚBLICO POR CIDADE EM 1993

- Salvador — Total 412 378 — Média 24 257
- São Paulo — Total 968 424 — Média 23 557
- Porto Alegre — Total 213 853 — Média 17 819
- Belém — Total 224 544 — Média 12 474
- Santos — Total 75 815 — Média 10 802
- Rio de Janeiro — Total 238 708 — Média 7 700
- B. Horizonte — Total 142 554 — Média 6 788
- Campinas — Total 99 853 — Média 6 658
- Fortaleza — Total 1 08 208 — Média 6 304
- Curitiba — Total 127 634 — Média 5 801
- Recife — Total 110 899 — Média 5 280
- Criciúma — Total 17 887 — Média 2 555
- Bragança-SP — Total 15 553 — Média 2 221
- Joinville — Total 14 842 — Média 2 120

▲ As cidades de Florianópolis (11 470 no total e 5 735 em média) e Aracaju (12 084 no total e 6 042 em média) foram palco de duas partidas cada. Os jogos realizados em Niterói são computados como Rio de Janeiro.

SHOW DO VITÓRIA NAS ARQUIBANCADAS

O surpreendente Vitória não apenas conquistou o vice-campeonato como também andou impondo outras humilhações aos clubes de maior torcida do Brasil. O rubro-negro baiano, entre outras façanhas, superou o Flamengo na contagem de público. Ficou em terceiro lugar na classificação geral, com a média de 22 825 espectadores por jogo. O Fla chegou em quarto, com 21 456. O primeiro posto coube ao Corinthians (29 443), seguido pelo Palmeiras (25 162). No capítulo rendas, o Vitória foi ainda mais longe. Com média de CR$ 21 340 546, perdeu apenas para o Palmeiras (CR$ 24 891 110).

A torcida do Vitória faz a festa na Fonte Nova: galera arretada, deixou mais dinheiro nas bilheterias que flamenguistas e corintianos

MÉDIAS DE PÚBLICO ANO A ANO

ANO	PÚBLICO TOTAL	JOGOS	MÉDIA
1971	4 662 417	229	20 360
[illegible]	6 191 982	352	17 591
1973	10 141 674	656	15 460
[illegible]	[illegible]	447	11 509
1975	6 873 358	430	15 984
[illegible]	6 991 291	411	17 010
1977	7 955 904	483	16 472
[illegible]	[illegible]	792	10 539
1979	5 308 459	581	9 136
[illegible]	[illegible]	307	20 792
1981	5 368 962	306	17 545
[illegible]	5 764 252	291	19 808
1983	7 391 013	322	22 953
[illegible]	3 742 267	316	10 523
1985	5 393 973	464	11 625
1986	7 221 574	538	13 423
1987	2 630 502	126	20 877
1988	4 005 190	290	13 811
1989	1 889 118	174	10 857
1990	2 366 400	204	11 600
1991	2 696 960	196	13 760
1992	3 631 807	216	16 814
1993	2 772 261	254	10 914

M É D I A S D E P Ú B L I C O

ABAIXO DOS 100 000

Ao contrário do que aconteceu na maioria dos Campeonatos Brasileiros, o de 1993 não teve nenhum público na casa dos 100 000 pagantes. Consequência das más campanhas dos clubes do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Estados que têm estádios para mais de 100 000 pessoas. Dois recordes parciais ficaram na Bahia. O primeiro, no 0 x 0 entre Vitória e Paraná, assistido por 60 550 pagantes, e o segundo no primeiro jogo da Final, quando o Palmeiras venceu o rubro-negro baiano por 1 x 0 na Fonte Nova diante de 70 762 torcedores. O recorde ficou com a segunda partida decisiva, mas não chegou perto dos 100 000, já que o Morumbi, que até pouco tempo recebia tranqüilamente mais de 110 000, hoje tem sua capacidade limitada a 89 000 pagantes. Assim, 88 644 ingressos foram vendidos para o jogo que deu ao Palmeiras o tricampeonato nacional.

CLUBE	TOTAL*	MÉDIA*
Palmeiras	547 604 425	24 891 110
Vitória	512 173 104	21 340 546
Corinthians	412 679 125	20 633 956
São Paulo	308 801 500	15 440 075
Flamengo	256 084 700	12 804 235
Santos	215 544 600	10 777 230
Guarani	132 429 925	6 621 496
Botafogo	87 723 850	6 265 989
Internacional	87 313 650	6 236 689
Cruzeiro	69 296 725	4 949 766
Bahia	67 244 159	4 803 154
Remo	103 135 900	4 687 995
Grêmio	60 086 025	4 291 859
Paraná	57 745 450	4 124 675
Bragantino	50 763 459	3 625 961
Vasco	46 432 900	3 316 635
Portuguesa	48 323 800	3 020 237
Paysandu	37 256 850	2 661 203
Fluminense	31 808 950	2 272 067
Sport	30 584 500	2 184 607
Atlético-MG	28 826 125	2 059 008
Coritiba	28 056 600	2 004 042
Ceará	24 387 700	1 741 978
Atlético-PR	23 393 350	1 670 953
Náutico	22 445 850	1 603 275
Santa Cruz	21 266 050	1 519 003
Fortaleza	19 348 700	1 382 050
Goiás	16 731 554	1 195 111
América-MG	12 160 500	868 607
Criciúma	11 902 000	850 142
União S. João	11 754 800	839 628
Desportiva	9 658 050	689 860

*Os valores estão em cruzeiros reais

NELSON COELHO

O Morumbi lotado na decisão: capacidade reduzida em mais de 20 000 lugares

SEM O MENGÃO, POVÃO SUMIU

Tido e havido como um dos Campeonatos de maior sucesso dos últimos anos, o Brasileiro, porém, não teve, na média, um público de tirar o chapéu. Longe disso. Se a quantidade de gols subiu, a média de pagantes foi de somente 10 914 pessoas por jogo, uma das quatro piores em toda a história da competição. Melhor apenas que as de 1989 (10 857), 1978 (10 539) e 1979 (9136). As mais altas médias de público nas 23 edições do Campeonato são as de 1983 (22 953), 1987 (20 877) e 1980 (20 792). Curiosamente, naqueles anos foi o Flamengo, clube de maior torcida no país, o campeão.

P O R C L U B E E M 1 9 9 3

OS MELHORES ATAQUES EM CAMPEONATOS BRASILEIROS

CLUBES	GOLS	JOGOS	MÉDIA	ANO
1º Guarani	63	20	3 15	1982
2º Atlético-MG	55	21	2,62	1977
3º Inter-RS	55	22	2,50	1976
4º Cruzeiro	43	19	2,26	1979
5º Flamengo	57	26	2,19	1983
6º Vasco	41	19	2,16	1981
7º Atlético-MG Flamengo	48	22	2,09	1980
9º Vasco	61	30	2,03	1978
10º Vasco	51	26	1,96	1984
11º São Paulo	62	34	1,82	1986
Fluminense	51	28	1,82	1975
13º Palmeiras	40	22	1,81	1993
14º Bangu	54	30	1,80	1985
15º São Paulo	49	28	1,75	1972
16º Atlético-MG Flamengo	41	24	1,71	1974
18º Inter-RS	51	30	1,70	1975
Botafogo	46	27	1,70	1992
20º Santos	56	53	1,51	1973
21º Atlético-MG	39	27	1,44	1971
Vasco	26	18	1 44	1989
23º Atlético-MG	30	21	1,43	1991
24º Inter-RS	40	29	1 38	1988
25º Atlético-MG	23	17	1,35	1987
26º Grêmio	28	23	1 22	1990

O Palmeiras foi a equipe mais ofensiva do Brasileirão 93, com 40 gols, e ultrapassou campeões anteriores que terminaram a competição tendo também o melhor ataque. Com 1,81 gols por jogo, o Verdão passa o Atlético de 1971 (média de 1,44), o Inter de 1975 (1,70) e o Vasco de 1989 (1,44). Mas na média, o Corinthians foi o melhor ataque de 1993. Marcou 38 gols, ou 1,90 por partida.

COMPORTAMENTO DAS DEFESAS EM 1993

CLUBES	J.	G.S.	MÉDIA
Paraná	16	12	0,75
Palmeiras	22	17	0,77
U.S.João	14	11	0,78
São Paulo	20	17	0,85
Corinthians	20	18	0,90
Paysandu	14	13	0,92
Cruzeiro	14	15	1,07
Coritiba	14	15	1,07
Vitória	24	27	1,12
Bragantino	14	16	1,14
Atlético-PR	14	16	1,14
Santa Cruz	14	17	1,21
Grêmio	14	17	1,21
Guarani	20	25	1,25
Náutico	14	18	1,28
América	14	18	1,28
Santos	20	26	1,30
Flamengo	20	26	1,30
Portuguesa	16	21	1,31
Ceará	14	19	1,35
Vasco	14	20	1,42
Inter	14	20	1,42
Criciúma	14	20	1,42
Atlético-MG	14	20	1,42
Sport	14	21	1,50
Botafogo	14	21	1,50
Goiás	14	22	1,57
Remo	22	35	1,59
Desportiva	14	23	1,64
Fortaleza	14	23	1,64
Fluminense	14	26	1,85
Bahia	14	29	2,07

MAIORES GOLEADAS EM 1993

Guarani	6	x	2	Remo
Cruzeiro	6	x	0	Bahia
Remo	6	x	0	Fortaleza
Paraná	6	x	1	Desportiva
União S. João	5	x	1	Criciúma
Santa Cruz	5	x	1	Remo
Atlético-PR	5	x	1	América-MG
Bragantino	5	x	1	Flamengo
Corinthians	5	x	1	Botafogo
Corinthians	5	x	1	Bahia
Vitória	5	x	2	Paysandu
Sport	2	x	5	Vasco
Portuguesa	5	x	2	Criciúma
Remo	5	x	2	Portuguesa
Remo	4	x	0	Goiás
Botafogo	0	x	4	São Paulo
Paraná	0	x	4	Atlético-PR
Grêmio	4	x	1	Vasco
Cruzeiro	4	x	1	Internacional
Vitória	4	x	1	Náutico
América-MG	4	x	1	Portuguesa
Desportiva	1	x	4	América-MG
Palmeiras	4	x	2	Fluminense
Vasco	2	x	4	Grêmio

ARTILHARIA PESADA AINDA É DO VASCO

Guga, com 14 gols, tornou-se o terceiro artilheiro com a camisa do Santos em Campeonatos Brasileiros. Os outros dois foram Serginho (22 gols, em 1983) e Paulinho (15, em 1991). Três clubes já tiveram também três goleadores na competição: o Flamengo, com Zico, duas vezes (21 gols, em 1980 e 1982), e Nunes (16, em 1981); o São Paulo com Pedro Rocha (17, em 1972), Careca (25, em 1986) e Müller (10, em 1987); e o Internacional, com Flávio (16, em 1975), Dario (16, em 1976) e Nílson (15, em 1988). Mas o recorde — quatro goleadores — ainda é do Vasco: Roberto Dinamite, duas vezes (16, em 1974 e 1984), Paulinho (19, em 1978) e Bebeto (18, em 1992).

CARIOCAS ESTÃO DEVENDO GOLS

O Brasileiro de 1993 não foi mesmo um bom campeonato para os times do Rio de Janeiro. Os quatro cariocas que participaram da competição terminaram com saldos de gols negativos. Nem mesmo o Flamengo, único que chegou às Semifinais, escapou do mau desempenho defensivo, sofrendo, inclusive, uma das maiores goleadas do Campeonato — Bragantino 5 x 1. O saldo rubro-negro foi de menos quatro gols. O Vasco não fez tão feio — saldo de menos um —, enquanto o Fluminense, dono de uma das piores defesas, ficou devendo oito gols. O Botafogo, um dos piores ataques, encerrou com catorze gols de saldo negativo. Somando tudo isso, o futebol do Rio saiu da competição com uma

CLUBES	J.	G.	MÉDIA
Corinthians	20	38	1,90
Palmeiras	22	40	1,81
Santos	20	35	1,75
Remo	22	37	1,68
Portuguesa	16	27	1,68
Guarani	20	33	1,65
Vitória	24	39	1,62
Cruzeiro	14	22	1,57
U.S.João	14	21	1,50
Grêmio	14	20	1,42
Santa Cruz	14	20	1,42
São Paulo	20	27	1,35
Vasco	14	19	1,35
América	14	18	1,28
Fluminense	14	18	1,28
Criciúma	14	18	1,28
Bragantino	14	18	1,28
Internacional	14	17	1,21
Ceará	14	16	1,14
Paraná	16	18	1,12
Flamengo	20	22	1,10
Paysandu	14	15	1,07
Náutico	14	14	1,00
Atlético-PR	14	14	1,00
Goiás	14	12	0,85
Fortaleza	14	11	0,78
Coritiba	14	10	0,71
Bahia	14	10	0,71
Sport	14	10	0,71
Desportiva	14	9	0,64
Botafogo	14	7	0,50
Atlético-MG	14	7	0,50

Há dez anos não se faziam tantos gols num Brasileiro. Foram 643 em 254 partidas, o equivalente a 2,53 por jogo. É gol para torcida nenhuma botar defeito. A média do ano de 1983 chegou a 2,69 por jogo mas, de lá para cá, esse número oscilou sempre abaixo dos 2,42. Apenas 29 partidas terminaram em 0 x 0, o que representa 11,41% do total.

REPETIÇÃO DOS RESULTADOS EM 1993

MARCADOR	VEZES
1 x 0	47
2 x 1	35
1 x 1	33
0 x 0	29
2 x 0	31
3 x 1	21
3 x 0	15
2 x 2	9
5 x 1	6
3 x 2	5
4 x 1	5
3 x 3	4
5 x 2	4
4 x 0	3
6 x 0	2
4 x 2	2
6 x 1	1
4 x 3	1
8 x 2	1

MÉDIAS DE GOLS ANO A ANO

ANO	GOLS	JOGOS	MÉDIA
1971	419	229	[illegible]
1972	731	352	[illegible]
1973	1 202	656	[illegible]
1974	951	447	[illegible]
1975	952	430	2,26
1976	915	413	2,22
1977	1 194	483	2,47
1978	1 771	792	2,23
1979	1 358	581	2,33
1980	826	307	2,69
1981	754	306	2,46
1982	799	291	2,74
1983	868	322	[illegible]
1984	737	310	[illegible]
1985	1 126	464	[illegible]
1986	1 125	538	[illegible]
1987	223	126	[illegible]
1988	545	290	[illegible]
1989	331	174	[illegible]
1990	385	204	[illegible]
1991	435	196	2,22
1992	495	216	[illegible]
1993	643	254	[illegible]

O Flamengo leva mais um nos 5 x 1 aplicados pelo Bragantino: vexame carioca

dívida de 27 gols. Dos 32 participantes, dezessete encerraram o Campeonato com saldo negativo, catorze tiveram desempenho positivo e um — o América — marcou e sofreu o mesmo número de gols. O Palmeiras teve o melhor saldo: 23. Já o Bahia, fechou a fila: menos 19.

QUEM NÃO TEM BOM ATAQUE VAI DE BECÃO

O Paraná Clube teve, na média, a melhor defesa do Campeonato Brasileiro de 1993 — 0,75 gol por jogo. Mas, enquanto os zagueiros garantiam os pontos lá atrás, o ataque do tricolor paranaense decepcionava, terminando a competição na 20ª colocação entre os 32 times disputantes, alcançando a média de 1,12 por partida. A situação estava tão ruça para seus atacantes que o artilheiro do time acabou sendo o becão Gralak, autor de quatro dos dezoito gols marcados pela equipe, que disputou dezesseis jogos e sofreu doze gols.

UM REMO DE DAR INVEJA AOS GRANDES

O Remo, oitavo na classificação geral, venceu nove partidas e marcou 37 gols. Já Atlético Mineiro (campeão em 1971), Coritiba (1985), Bahia (1988) e Botafogo (vice em 1972 e 1982) ganharam, juntos, apenas oito jogos e só balançaram as redes 34 vezes.

O Remo de Biro-Biro: lição para os grandes

CLUBE DO TRI TEM NOVO INTEGRANTE

Campeão de 1993, o Palmeiras ingressou no seleto grupo dos tricampeões do Brasil. Antes, só outros dois clubes haviam atingido esta marca: São Paulo e Internacional. O Flamengo, no entanto, segue absoluto em primeiro com cinco conquistas. Outro carioca, o Vasco, está sozinho com dois títulos nacionais.

OUTRO FESTIVAL DE CARTÕES VERMELHOS

O campeão de indisciplina foi o Fortaleza, com dez jogadores expulsos, mas sem reincidentes. A lista dos que repetiram a dose, com dois cartões vermelhos, tem: Knapkis, do Atlético-MG; André, do Botafogo; Marquinhos e Marcelinho, do Flamengo; Luís Carlos, do Goiás; Valdeir, do Guarani; Fernando, do Náutico; Sandro, do Sport; Jorge Luís, do Vasco; e China, do Vitória. No ano anterior, os juízes puxaram o vermelhinho 111 vezes em 216 jogos — média de 0,51 por jogo. Em 1993, a proporção subiu um pouco, com 0,52 por partida (134 cartões vermelhos em 254 jogos).

Marcelinho, um dos reincidentes no cartão vermelho: o número de expulsões cresceu

SÃO PAULO FIRME EM PRIMEIRO NO RANKING

Mesmo fora da decisão do título pelo segundo ano seguido, o São Paulo não só continua líder no ranking de PLACAR do Brasileiro como ampliou a vantagem sobre o Inter. Os gaúchos não pontuaram e têm o segundo lugar ameaçado por Flamengo e Corinthians. O Atlético-MG pagou por sua má campanha. Caiu de terceiro para quinto e o Palmeiras ultrapassou o Cruzeiro, assumindo o oitavo lugar. Mas ninguém evoluiu como o Vitória, que pulou de 28º para 19º.

Edílson faz a festa com a galera verde: o Palmeiras, tri, encosta em São Paulo e Inter

	CLUBES	PONTOS
1º	São Paulo	112
2º	Internacional	97
3º	Flamengo	93
4º	Corinthians	92
5º	Atlético-MG	88
6º	Grêmio	84
7º	Vasco	83
8º	Palmeiras	81
9º	Cruzeiro	74
10º	Fluminense	57
11º	Santos	56
12º	Botafogo	51
13º	Guarani	46
14º	Coritiba	42
15º	Bahia	32
16º	Sport	30
17º	Bragantino	19
18º	Operário-MS	17
19º	Vitória	16
20º	Portuguesa	14
	Santa Cruz	14
22º	Goiás	13
23º	América-RJ	12
	Ponte Preta	12
25º	Bangu	11
26º	Atlético-PR	10
27º	Náutico	9
28º	Brasil-RS	8
29º	Londrina	7
30º	América-MG	4
	Ceará	4
	Uberlândia	4
33º	Desportiva	3
	Joinville	3
	Remo	3
	Uberaba	
37º	Anapolina	2
	Criciúma	2
40º	CSA	1
	Mixto	1
	Paraná	1
	Paysandu	1

Pontuam pelo Ranking de PLACAR os dez primeiros colocados de cada ano. Atribuem-se dez pontos para o campeão, nove para o vice, oito para o terceiro colocado e assim sucessivamente.

NOVO EMPATE ENTRE OS MAIORES PAPÕES

O tri do Palmeiras igualou os times de São Paulo aos do Rio de Janeiro na disputa entre os Estados que mais vezes paparam o Campeonato Brasileiro. Agora, são oito taças ganhas pelos paulistas contra oito dos clubes cariocas. O Rio Grande do Sul continua com quatro, enquanto Minas Gerais, Paraná e Bahia seguem com um título nacional cada. Entre os Estados que já ganharam a competição, Minas é o que há mais tempo não levanta a taça. A única vez foi em 1971, com o Atlético faturando justamente o primeiro caneco.

O Vitória de Roberto Cavalo liquidou o Corinthians: uma derrota e o Timão eliminado

NADANDO PARA MORRER NA PRAIA

A invencibilidade do Corinthians durou quinze partidas e acabou diante do Vitória — 2 x 1 —, na única derrota alvinegra no Brasileiro. Ela fez a diferença entre o Timão e o rubro-negro baiano, que carimbou seu passaporte para a decisão, mesmo com três pontos a menos — 31 a 28. E a Fiel viu seu time entrar para o clube dos que nadam, nadam e morrem na praia. O caso mais dramático é o do Atlético. Em cinco ocasiões, todas no Mineirão, o Galo precisava de uma vitória e não conseguiu. Perdeu para o Flamengo — 3 x 2 —, em 1987, e ficou quatro vezes no 0 x 0: com o São Paulo (1977), Santos (1983), Coritiba (1985) e Corinthians (1990). O empate com o tricolor gerou o maior drama atleticano. O São Paulo papou a taça nos pênaltis, depois do 0 x 0 nos 90 minutos e na prorrogação. E o Galo morreu na praia sem perder um mísero jogo em todo o Campeonato.

TABELÃO PLACAR 93

As finais dos Grupos C e D, a fase semifinal e a grande decisão do Brasileiro estão nas próximas seis páginas. Confira e guarde todas emoções da reta de chegada

CAMPEONATO BRASILEIRO

PRIMEIRA FASE - SEGUNDO TURNO
ÚLTIMA RODADA/GRUPOS C e D
27/outubro/93

PORTUGUESA 3 X CORITIBA 0
Local: Canindé (São Paulo); **Juiz:** Vílmar Serra/RJ (7); **Renda:** CR$ 1 476 000; **Público:** 3 592; **Gols:** Souza 38, Paulinho Kobayashi 47 e Tomazinho Capura 49 do 2º; **Cartão amarelo:** Márcio e Hélcio; **Expulsões:** Jorjão e Fernando (Cori) 32 do 2º
PORTUGUESA: Márcio (5,5), Jonas (5) (Maurício, intervalo (6)), Geraldão (5,5), Souza (6) e Charles (5,5); Capitão (6), Fernando (6) e Dener (6); Paulinho Kobayashi (6), Bentinho (5,5) e Luciano (5,5) (Tomazinho Capura 30 do 2º (6)). **Técnico:** Antônio Lopes
CORITIBA: Anselmo (6), Márcio (5,5), Jorjão (6), Paulão (6) e Paulo César (5); Hélcio (5), Jorge Luís (5), Ricardo Ferraz (5) e Daniel (5); Ronaldo (6) e Osmar (5) (Fernando 28 do 2º (sem nota)). **Técnico:** José [illegible]
O JOGO: A Lusa só encontrou o caminho da vitória no final da partida. A necessidade de ganhar fez com que o time jogasse desor[illegible]

VITÓRIA 5 X PAYSANDU 2
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Renato Marsiglia/RS (5); **Renda:** CR$ 6 683 800; **Público:** 12 927; **Gols:** Claudinho 11, Alex Alves 28 e Mané Ferreira 42 do 1º; Claudinho 8, Marcos Roberto (pênalti) 19, Pichetti 25 e Claudinho 37 do 2º; **Cartão amarelo:** João Marcelo, Mané Ferreira, Marquinhos, Vampeta e Giuliano
VITÓRIA: Dida (6), Rodrigo (6), João Marcelo (6,5), Chiana (6) (Evandro 18 do 2º (6)) e Renato Martins (6,5); Gil Sergipano (6,5), [illegible] (Giuliano 29 do 2º (6)); Alex Alves (6,5), Claudinho (7) e Pichetti (6). **Técnico:** Fito Neves
PAYSANDU: Ivan (5), Marquinhos Capixaba (4), Marcelo Soares (5), Zé Maria (5) e Juaro (5); Oberdan (6), Rogerinho (5) e César (3) (Éverson 27 do 1º (5)); Marcos Roberto (5,5), Mané Ferreira (5,5) e Jorginho (5) (Carlos André 27 do 2º (5)). **Técnico:** Hélio dos Anjos
O JOGO: Já classificado, o Vitória jogou com tranqüilidade diante de um Paysandu desesperado. Um jogo que agradou ao bom público presente.

REMO 3 X SANTA CRUZ 1
Local: Evandro Almeida (Belém); **Juiz:** [illegible]; **Renda:** CR$ 3 406 800; **Público:** 8 517; **Gols:** Mauricinho 15, Arlan 20 e Mauricinho 31 do 1º; Mauricinho 9 do 2º; **Cartão amarelo:** Édson, Paulo César, Arlan e Marcelinho; **Expulsões:** [illegible]
REMO: Luís Carlos (6), Édson Bosco (6), Belterra (6,5), Mário César (7) e Júnior (6); Agnaldo (6), Biro-Biro (6) e Giovanni (6,5) (Alex 15 do 2º (6)); Mauricinho (6), Agosto (6) e Tarcísio (5,5) (Dema 33 do 2º (3)). **Técnico:** [illegible]
SANTA CRUZ: Gilberto (6), Marco Antônio (5,5), Freitas (5), Paulo César (3) e Quinho (5); Williams (6) (Joquinha 11 do 2º (5)), Arlan (5) e Cláudio Adão (5,5) (Ricardo 37 do 2º (6)); Marcelinho (6), Marcelo (5) e Serginho (5). **Técnico:** Charles Muniz
O JOGO: Em sua melhor partida do Brasileiro realizada em Belém, o Remo mostrou garra e determinação para vencer o Santa Cruz.

PARANÁ 1 X UNIÃO S. JOÃO 0
Local: Pinheirão (Curitiba); **Juiz:** Márcio [illegible]; **Renda:** CR$ [illegible]; **Público:** [illegible]; **Gol:** [illegible] do 1º; **Cartão amarelo:** Israel, Sílvio, Régis, Edinílson e Luís Carlos; **Expulsões:** Vágner e Serginho 5, Oséas 16 e Marcão 38 do 2º
PARANÁ: Régis (6), Roberval (6,5), Servilho (6), Marcão (3) (Denílson 40 do 2º [illegible]) [illegible] no 14 do 2º (5)), Adoílson (6) e João Antônio (5,5); Ney (6,5), Serginho (3) e Cláudio (6). **Técnico:** Levir Culpi
UNIÃO SÃO JOÃO: Sílvio (7), Edinho [illegible] to (6); Beto Médici (5) (Luís Carlos, intervalo (4)), Alexandre (6,5), Vágner (3) e Esquerdinha (6); Israel (6) e Oséas (3). **Técnico:** Juar Picerni
O JOGO: O Paraná não custou ao jogo do União, que apostava no desespero tricolor. A equipe paranaense pressionou constantemente.

ATLÉTICO-PR 0 X CRICIÚMA 1
Local: Couto Pereira (Curitiba); **Juiz:** José Mocellin/RS (6,7); **Renda:** CR$ 211 400; **Público:** 610; **Gol:** Émerson 9 do 2º; **Cartão amarelo:** Vilmar e Sandro; **Expulsão:** Serginho 31 do 2º
ATLÉTICO-PR: Gilmar (5,5), Serginho (4), Reginaldo (6), Leonardo (5) e Ocimar (6); Adenur (6), João Carlos Cavalo (6) Gilson (4) e Locatter (6) (Pirata, intervalo (3)); Dedé (5) e Paulo Rink (4). **Técnico:** Paulo Emílio
CRICIÚMA: Alexandre (5,5), Sandro (6), Vilmar (6), Sílvio (6) e Chiva (6); Gélverton (6,5), Gílson (6), Ânderson (4) (Émerson 4 do 2º (6)) e André Carpes (6,5); Dauri (5) (Paulo da Penha 22 do 2º (4)) e Jairo Lenzi (6). **Técnico:** Sérgio Ramirez
O JOGO: Motivado pela possibilidade de se manter na Primeira Divisão de 1994, o Criciúma foi rápido e disciplinado.

AMÉRICA-MG 0 X DESPORTIVA 0
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Sidrack Marinho dos Santos/SE (7,4); **Renda:** CR$ 483 000; **Público:** 1 283; **Cartão amarelo:** Édson Garcia, Alves, César Soares, Brigatti e Gutemberg
AMÉRICA-MG: Milagres (6), Embraem (5), Moreno (6), Leles (5) e Amaraldo (5); Gutemberg (6,5), Ted (6,5) e Flávio (6); Marcinho (6), Hamilton (5) e Márcio Carneiro (6) (Leandro, intervalo (5,5)). **Técnico:** Formiga
DESPORTIVA: Brigatti (6,5), César (6), Alves (5) (Agnaldo 39 do 2º (5)), Paulo Roberto (6,5) e Cabral (6); Marquinhos (5), Édson Garcia (6) e Andrade (5); Barbosa (5,5), Alex Santana (5) e Wélder (6). **Técnico:** [illegible]
O JOGO: O time do América estava irre[illegible]. A Desportiva jogou com a única preocupação [illegible].

GOIÁS 0 X FORTALEZA 0
Local: Serra Dourada (Goiânia); **Juiz:** Edmundo Lima Filho/SP (6); **Renda:** CR$ [illegible]; **Público:** 187; **Cartão amarelo:** Luís Carlos e Cleidson
GOIÁS: Cleber (5,5), Wilson (6,5), Márcio (5), Luís Carlos (5) e Luciano (4); César (6), Wallace (5) e César Mineiro (4) (Flávio 8 do 2º (sem nota)); Niltinho (5), (Edvaldo 33 do 2º (sem nota)), Bê (4) e Augusto (5). **Técnico:** [illegible]
FORTALEZA: Jorge Pinheiro (5), Expedito [illegible] e Almir (4) (Edinho 10 do 2º (sem nota)); Cândido (5), Alberto (4) e Eliézer (6), Bojuca (4) (Valdemir 34 do 2º (sem nota)), Sérgio (5) e Jomar (6). **Técnico:** Nílton Albuquerque
O JOGO: A partida mostrou um punhado de lances sofríveis e cômicos, acompanhados por apenas 187 pagantes.

NÁUTICO 2 X CEARÁ 1
Local: Aflitos (Recife); **Juiz:** João Paulo Araújo/SP (5,6); **Renda:** CR$ 949 900; **Público:** 4 037; **Gols:** Claudemar 16, Maurício 26 e Jéferson 30 do 2º; **Cartão amarelo:** Marco Aurélio, Ferreira, Borçato, Niquinha, Jéferson e Claudemar; **Expulsão:** Lúcio Surubim 39 do 2º
NÁUTICO: Marco Aurélio (6), Paulinho (6), (Buzza 22 do 2º (6)), Lúcio Surubim (4), Ferreira (6) e André (6); Borçato (6), Niquinha (6,5), Gilberto (6) (Mael 27 do 2º (5)) e Paulo Leme (6); Maurício (6,5) e Jéferson (6,5). **Técnico:** Hélio dos Anjos
CEARÁ: Ferreira (6), Jamil (5,5), Airton (6), Vitor Hugo (5) e Gilson (5); Airton Fraga (6) Claudemar (6) e Ivanildo (6); Júnior Xavier (5), Osmar (5) (Wando 20 do 2º (6)) e Ronaldo (3) (Mirandinha 33 do 2º (5)). **Técnico:** [illegible]
O JOGO: Foi uma partida emocionante, com o Náutico procurando o gol desde o início e o Ceará jogando fechado no meio-de-campo.
Obs: [illegible], Vitória e Remo, pelo Grupo C, além de Portuguesa e Paraná, pelo grupo D, classificaram-se para o quadrangular.

[illegible]
30/outubro/93

BOTAFOGO 1 X BRAGANTINO 1
Local: Caio Martins (Niterói); **Juiz:** Paulo Jackson da Silveira/BA (4); **Renda:** CR$ [illegible]; **Público:** [illegible]; **Gols:** Marcelo [illegible] 29 e [illegible] do 2º; **Cartão amarelo:** Donizete, André, Clei, Suélio e Marcelo
BOTAFOGO: William (7), Eliomar (4), André (6), Romero (6) e Clei (5); Nélson (3), Suélio (4) e Dadá (3) (Berg, intervalo (3)); Marcelo (6), Sinval (3) e Eliel (3) (Róbson 21 do 2º (5,5)). **Técnico:** Carlos A. Torres
BRAGANTINO: Marcelo (6), Valmir (5), Júnior (6), Márcio (6) e Júnior Couto (4); Pires (5), Donizete (6), Alberto (4) e João Santos (4); Claudinho (4) (Marcelo Prates 23 do 2º (5)) e Sílvio (4). **Técnico:** Nelsinho
O JOGO: O Botafogo buscou a sua pri-

BANANAS DE FELICIDADE

A torcida do Botafogo era uma aflição só. O time enfrentava o Bragantino, em Caio Martins, e estava prestes a completar sua nona partida sem marcar um mísero gol. Foi quando o atacante Marcelo resolveu desencantar. Com uma cabeçada fraca, surpreendeu o goleiro Marcelo e correu para o abraço. Quem imaginou que esse seria um dos momentos mais felizes do Brasileiro, no entanto, enganou-se. Cansado das cobranças da torcida, Marcelo mostrou o coração e mandou bananas para as arquibancadas. Depois, chegou a empurrar um torcedor que invadiu o gramado para abraçá-lo. Nas rodadas seguintes, a situação melhorou e o Fogão até venceu duas partidas, contra Inter e Bahia. Mas nada evitou que o alvinegro experimentasse o maior vexame no Brasileiro desde 1979, quando terminou a competição em 54º lugar.

Marcelo marcou o gol redentor. Mas não perdoou a torcida

textra vitória mas esbarrou na sua pouca técnica. O Bragantino conseguiu o empate que queria.

SPORT 2 X ATLÉTICO-MG 1
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** Francisco Mourão/CE (7); **Renda:** CR$ 1 135 600; **Público:** 3 780; **Gols:** Zé Carlos 39 do 1°; Sandro 6 e Acácio 32 do 2°; **Cartão amarelo:** [illegible], Marcelo Gomes, Biro Oliveira, André e Negrini; **Expulsão:** Paulo Roberto 33 do 2°
SPORT: Jéferson (6), Givaldo (5), Sandro (6), Lima (6) e Biro Oliveira (5,5); Dario (5), Marcelo Gomes (5,5) e Gilberto Gaúcho (5) (Acácio, intervalo (6)); Zinho (6), Moura (5,5) e Luís Carlos Carioca (5) (Biro 23 do 2° (5,5)). **Técnico:** Neres Pinheiro
ATLÉTICO-MG: Assis (5,5), Fernando Rosas (5), André (5,5), Orlando (5) e Paulo Roberto (3); Valdir (6), Carlos (5) e Zé Carlos (5,5); Bira (5,5), Negrini (5) (Serginho 35 do 2° (5)) e Cleyton (4) (Daniel, intervalo (5,5)). **Técnico:** Mussula
O JOGO: Foi uma partida monótona, com os jogadores errando muitos passes. De bom, só a garra do Sport.

30/outubro/93
PALMEIRAS 3 X GRÊMIO 1
Local: Parque Antártica (São Paulo); **Juiz:** Wilson Souza Mendonça/PE (4); **Renda:** CR$ 17 314 300; **Público:** 32 006; **Gols:** Luciano 24, Edmundo 31 do 1°; Luciano (contra) 32 e Edmundo 46 do 2°; **Cartão amarelo:** Edmundo, Jámer, Carlos Alberto Dias, Luciano, Branco, Cléber, Paulão e Antônio Carlos; **Expulsão:** Jámer 46 do 1°
PALMEIRAS: Sérgio (5), Cláudio (5,5) (Jean Carlo 34 do 2° (5,5)), Antônio Carlos (5,5), Cléber (6) e Roberto Carlos (6); César Sampaio (6), Mazinho (7), Zinho (6) e Edílson (5,5) (Paulo Sérgio 24 do 2° (6)); Edmundo (7) e Evair (6). **Técnico:** Wanderley Luxemburgo
GRÊMIO: Danrlei (5,5), Alfinete (sem nota) (Luciano 20 do 1° (5)), Paulão (6), Agnaldo (5,5) e Branco (5,5); Pingo (6), Jámer (3), Carlos Miguel (6) e Carlos Alberto Dias (5,5) (Adil 18 do 2° (6)); Caio (5,5) e Charles (5,5). **Técnico:** Luís Felipe
O JOGO: O Palmeiras desperdiçou muitas chances no primeiro tempo, mas sua maior capacidade técnica acabou decidindo a partida.

BAHIA 1 X SÃO PAULO 1
Local: Lourival Batista (Aracaju); **Juiz:** [illegible]; **Renda:** CR$ 4 659 400; **Público:** 8 183; **Gols:** Renato 25 do 1°; Palhinha 9 do 2°; **Cartão amarelo:** Lima, Vilmar, Jorginho e Dinho
BAHIA: Rodolfo Rodríguez (6), Melinho (6,5), Jorginho (6), Vilmar (5) e Rogério (5,5); Lima Sergipano (6) (Gílson Batata 30 do 2° (sem nota)), Adnelído (5), Arturzinho (6) e Renda (6); Marcelo (6,5) e Naldinho (6) (Marquinhos Ferreira 7 do 2° (5)). **Técnico:** Antônio Lopes
SÃO PAULO: Zetti (6,5), Cafu (7), Válber (7), Ronaldo (6) e André (5); Doriva (6), Toninho Cerezo (4) (Leonardo, intervalo (6,5)), Dinho (6,5) e Palhinha (6); Müller (6,5) e Valdeir (4) (Jura, intervalo (5)). **Técnico:** Telê Santana
O JOGO: No início, o São Paulo foi muito lento e o Bahia quase liquidou a partida. Na fase complementar, o tricolor equilibrou as ações.

INTER 2 X FLAMENGO 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas/MG (8,5); **Renda:** CR$ 13 542 800; **Público:** 30 741; **Gols:** Élson 27 do 1°; Zinho 44 do 2°; **Cartão amarelo:** Marcão, Adílson, Daniel e Bobô
INTERNACIONAL: Fernandez (6), Marcão (5), Vladimir (7), Adílson (7,5) e Daniel Franco (6); Daniel Frasson (6,5), Mazinho Lotola (6,5), Djair (4) e Bobô (4) (Paulinho 11 do 2° (6)); Mazinho Oliveira (6) e Élson (7,5) (Zinho, intervalo (6,5)). **Técnico:** Paulo Roberto Falcão
FLAMENGO: Gilmar (6,5), Charles (6), Gélson (6), Júnior Baiano (5,5) e Marcos Adriano (6,5); Éder Lopes (6), Fabinho (6,5), Marquinhos (6) e Marcelinho (6); Júlio César (4) (Magno, intervalo (6)) e Edu Lima (5) (Nélio, intervalo (6,5)). **Técnico:** Júnior
O JOGO: O Flamengo queria o empate, enquanto que o Inter jogou ofensivamente. O resultado acabou premiando a equipe mais corajosa.

31/outubro/93
CORINTHIANS 5 X BOTAFOGO 1
Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** Dalmo Bozzano/SC (6); **Renda:** CR$ 22 547 000; **Público:** 41 196; **Gols:** Viola 11 do 1°; Válber 5, Rivaldo 13, Viola 22, André Duarte 26 e Rivaldo 33 do 2°; **Cartão amarelo:** Chiuta, [illegible]
CORINTHIANS: Ronaldo (7), Leandro Silva (6,5), Baré (5), Norton (4) e Luís Carlos Winck (6,5); Zé Elias (7), Ezequiel (7) e Válber (7,5); Leto (6) (Tupãzinho 15 do 2° (6)), Viola (7,5) (Marcelinho 27 do 2° (6)) e Rivaldo (8). **Técnico:** Mário Sérgio
BOTAFOGO: William (4), André (4), Renato (4) (Marcelo 12 do 2° (4)), Rogério (5) e André Duarte (5,5); Nélson (5), Suélio (4) e Perivaldo (5,5); Róbson (4), Sorval (5) e Chiuta (4) (Eliel 12 do 2° (6)). **Técnico:** Carlos Alberto Torres
O JOGO: No primeira etapa, o Corinthians menosprezou o Botafogo. No segundo tempo, envolveu o time carioca com facilidade.

FLUMINENSE 3 X SANTOS 4
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** [illegible]; **Renda:** [illegible]; **Público:** 2 093; **Gols:** Nílson 9, Guga 11 e Nílson 38 do 1°; Guga 1, Axel 7, Sérgio Manoel 8 e Ambrós 17 do 2°; **Cartão amarelo:** Márcio (San), Luiz, Márcio (Flu), Axel, Sérgio Manoel, Chiquinho e Eduardo
FLUMINENSE: Nei (2), Júlio César (2), Júnior Mineiro (1), Andrei (5) e Wallace (2); Márcio (3), Serginho (5), Jerry (5) (Edinho 15 do 2° (6)); Julinho (2) (Chiquinho 15 do 2° (6)) Ézio (3) e Nílson (6). **Técnico:** Edu
SANTOS: Velloso (5), Índio (7), Luiz (4), Marcelo Fernandes (3) e Eduardo (5); Axel (6), Márcio (6), Gallo (3) e Dunet (7) (Ranielli 37 do 2° (sem nota)); Guga (6) (Neizinho 45 do 2° (sem nota)) e Sérgio Manoel (4). **Técnico:** Pepe
O JOGO: Uma partida tecnicamente muito pobre, mas que serviu como uma diversão interessante, com as defesas errando muito.

CRUZEIRO 1 X BRAGANTINO 0
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Renato Marsiglia/RS (7); **Renda:** CR$ 2 318 500; **Público:** 6 538; **Gols:** Ronaldo 32 do 1°; **Cartão amarelo:** Paulo Roberto, Pires, Adenor e Marco Antônio Boiadeiro
CRUZEIRO: Sérgio (5), Paulo Roberto (5,5), Toninho (6,5), Célio Lúcio (5) e Zelão (6,5); Adenor (6,5), Marco Antônio Boiadeiro (5), Careca (4) (Douglas 40 do 1° (6,5)) e Macalé (6); Ronaldo (7) e Roberto Gaúcho (6) (Edenílson 21 do 2° (6)). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
BRAGANTINO: Marcelo (5,5), Valmir (6), Júnior (5,5), Márcio (6) (Ronaldo Alfredo 34 do 2° (6)) e Carlos Augusto (6); Pires (6), [illegible] e João Santos (6,5); Claudinho (6) (Chicão 29 do 2° (5,5)) e Sílvio (6). **Técnico:** Nelsinho
O JOGO: Os dois times partiram com tudo para o ataque, mas a Raposa teve mais sorte. O controvertido Ronaldo foi o destaque.

2/novembro/93
GUARANI 2 X ATLÉTICO-MG 0
LOCAL: Brinco de Ouro (Campinas); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (4,7); **Renda:** CR$ 4 103 500; **Público:** 9 297; **Gols:** Róbinson [illegible]; **Cartão amarelo:** Róbinson, Edimar, Robert e Daniel; **Expulsão:** Djalminha e Kanapkis 42 do 2°
GUARANI: Narciso (7), Gustavo (6), Adílson (6,5), Fernando (6) e Róbinson (6,5); Valmer (5) (Luisão 40 do 2° (sem nota)), Robert (6), Edimar (6) (Valdeir 26 do 2° (5)) e Djalminha (4); Clóvis (7) e Édson (4). **Técnico:** Carlinhos
ATLÉTICO-MG: Assis (6), William (4), Kanapkis (3), Orlando (4) e Anderson (5); Valdir (6), Toninho Pereira (5,5) e Daniel (5); Bira (6), Reinaldo (6) (Negrini 12 do 2° (5)) e Cleyton (4) (Vanderlei 24 do 2° (5)). **Técnico:** Mussula
O JOGO: O Guarani só foi ameaçado na segunda metade do segundo tempo, quando o goleiro Narciso fez defesas importantes.

SPORT 2 X VASCO 5
Local: Ilha do Retiro (Recife); **Juiz:** Oscar Roberto de Godoy/SP (7,3); **Renda:** CR$ 3 477 000; **Público:** 10 425; **Gols:** Luís Carlos Carioca 24, França 29 e Yan 42 do 1°; Valdir 9, Júnior 12, Biro 19 e Pimentel 32 do 2°; **Cartão amarelo:** Marcelo Gomes, Carlos Germano, Alê, França, Júnior e Geovani; **Expulsão:** Sandro 44 do 1°
SPORT: Jéferson (5), Biro-Biro (4), Sandro (2), Chico Monte Alegre (4,5) e Biro Oliveira (4); Gilberto Gaúcho (4,5) (Lima, intervalo (5)), Marcelo Gomes (4) e Acácio (4); Zinho (5), Moura (5) e Luís Carlos Carioca (4) (Biro 13 do 2° (4,5)). **Técnico:** Neres Pinheiro
VASCO: Carlos Germano (5), Pimentel (7), Alê (6), Alex (6) e Cássio (6); Leandro (6,5), França (7) e Yan (7); Júnior (6) (Silas 23 do 2° (6)), Valdir (6) e Geovani (7) (Bernardo 30 do 2° (5)). **Técnico:** Alcir Portella
O JOGO: Foi um verdadeiro passeio do Vasco. O Sport não tinha marcação nem criava boas jogadas.

JOGO ANTECIPADO/7ª RODADA
GRUPOS A e B
3/novembro/93
BOTAFOGO 2 X INTER 0
Local: Caio Martins (Niterói); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (7); **Renda:** CR$ 221 500; **Público:** 443; **Gols:** Rogério 37 do 1°; [illegible] do 2°; **Cartão amarelo:** Marcão e Ricardo
BOTAFOGO: Vágner (6), Perivaldo (6) (Eliomar 40 do 2° (sem nota)), Márcio (6,5), Rogério (7) e André Duarte (5); Nélson (6), Suélio (6) e Dedé (6,5), Marcos Paulo (5), Róbson (6,5) e Regílson (6) (Alésio 38 do 2° (sem nota)). **Técnico:** Carlos A. Torres
INTERNACIONAL: Fernandez (5,5), Marcão (4), Vladimir (5), Adílson (5) e Ricardo (3) (Éverton 23 do 2° (3)); Daniel Frasson (2), Djair (4) e Mazinho Lotola (3) (Zinho 13 do 2° (3)); Élson (4), Paulinho (3) e Mazinho Oliveira (3). **Técnico:** Paulo Roberto Falcão
O JOGO: O Inter foi ao Rio de Janeiro pensando que venceria fácil o Botafogo, que se superou e conseguiu a sua primeira vitória no Campeonato.

COMPLEMENTO/7ª RODADA
GRUPO A
5/novembro/93
BOTAFOGO 3 X BAHIA 0
Local: Caio Martins (Niterói); **Juiz:** Dionísio Roberto Domingos/SP (6); **Renda:** CR$ 146 000; **Público:** 292; **Gols:** Sorval 33 do 1°; Róbson 20 e Sorval 35 do 2°; **Cartão amarelo:** Rogério (BA), Jorginho, Melinho e Perivaldo; **Expulsão:** Adnelído 43 do 1°
BOTAFOGO: Vágner (6), Perivaldo (6), André (5), Rogério (5,5) e André Duarte; Nélson (6), Suélio (5) (Eliomar 37 do 2° (sem nota)) e Dedé (6,5); Regílson (5) (Alésio 23 do 2° (4)), Róbson (7) e Sorval (7). **Técnico:** Carlos Alberto Torres
BAHIA: Rodolfo Rodríguez (5), Melinho (5), Jorginho (4), Vilmar (5) e Rogério (4); Adnelído (4), Marquinhos Ferreira (5) (Ronald 35 do 2° (sem nota)) e Arturzinho (5); Renda (3), Marcelo (5) e Naldinho (4). **Técnico:** Antônio Lopes
O JOGO: O Botafogo jogou pela primeira vez no Brasileiro como time grande, encurralou o Bahia e quase goleou.

8ª RODADA/GRUPOS A e B
5/novembro/93
CRUZEIRO 1 X SÃO PAULO 1
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Dalmo Bozzano/SC (7,6); **Renda:** CR$ 6 819 400; **Público:** 18 115; **Gols:** Leonardo 10 e Ronaldo 24 do 1°; **Cartão amarelo:** Célio Lúcio, Cafu e Toninho
CRUZEIRO: Sérgio (6), Paulo Roberto (6,5), Toninho (7), Célio Lúcio (6,5) e Nonato [illegible] (Rogério Lage 25 do 2° (6)) e Macalé (6); Careca (5,5) (Macapá 25 do 2° (6,5)), Ronaldo (7,5) e Zelão (6,5). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
SÃO PAULO: Zetti (6,5), Cafu (6,5), Válber (7), Ronaldo (6,5) e André (6); Doriva (7), Dinho (7), Toninho Cerezo (7) (Jura, intervalo (7)) e Leonardo (6,5); Palhinha (7) e Valdeir (6). **Técnico:** Telê Santana
O JOGO: Partida equilibrada. Apenas em alguns momentos uma equipe foi melhor que a outra, mas logo essa superioridade era anulada pelo adversário.

6/novembro/93
ATLÉTICO-MG 2 X PALMEIRAS 3
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Renato Marsiglia/RS (6); **Renda:** CR$ 910 075; **Público:** 3 231; **Gols:** Saulo 23, Edílson 28 e Serginho 39 do 1°; Toninho Pereira 3 e Edmundo 29 do 2°; **Cartão amarelo:** Cláudio, Alexandre Rosa e Paulo Roberto
ATLÉTICO-MG: Assis (6), William (5), Orlando (6), André (5,5) e Paulo Roberto (5); Valdir (6), Toninho Pereira (6), e Daniel (5) (Vanderlei, intervalo (5)); Bira (4), Serginho (7) e Cleyton (5). **Técnico:** Mussula
PALMEIRAS: Sérgio (6,5), Cláudio (5), Alexandre Rosa (5), Ricardo (6) e Roberto Carlos (6); César Sampaio (6), Mazinho (6), Edílson (7) e Zinho (7); Edmundo (7) e Saulo (6,5) (Paulo Sérgio 24 do 2° (5)). **Técnico:** Wanderley Luxemburgo
O JOGO: O Palmeiras enfrentou despreocupadamente o lanterna do Brasileiro, um time que não sabe o que fazer quando se aproxima do gol adversário.

7/novembro/93
CORINTHIANS 2 X BRAGANTINO 1
Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** João Paulo Araújo/SP (6); **Renda:** CR$ 21 108 250; **Público:** 38 406; **Gols:** Nei 4, Simão 9 e Válber 18 do 2°; **Cartão amarelo:** Baré, Alberto, Zé Elias, Valmir, Luiz Carlos Winck e Nei
CORINTHIANS: Ronaldo (6,5), Luiz Carlos Winck (6) (Marcelinho 41 do 2° (sem nota)), Baré (6), Norton (5,5) e Leandro Silva (6,5); Zé Elias (6), Ezequiel (6,5), Simão (6) e Válber (7,5); Leto (6) (Tupãzinho 33 do 2° (sem nota)) e Rivaldo (6,5). **Técnico:** Mário Sérgio
BRAGANTINO: Marcelo (5,5), Valmir (6), Júnior (5,5), Nei (6,5) e Márcio (6); Pires (6), Donizete (6), Alberto (5,5) e João Santos (5,5) (Marcelo Prates 21 do 2° (5,5)); Claudinho (5,5) e Sílvio (5,5) (Chicão 26 do 2° (6). **Técnico:** Nelsinho
O JOGO: O Corinthians, melhor do começo ao fim, levou um susto com o gol de Nei. Buscou tranqüilidade, no entanto, para virar o marcador.

SÃO PAULO 2 X FLAMENGO 0
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** José Mocellin/RS (5,5); **Renda:** CR$ 21 913 800; **Público:** 38 648; **Gols:** Müller 26 e Palhinha 33 do 2°; **Cartão amarelo:** Fabinho, Rogério, Cafu, Renato Gaúcho e Doriva

SÃO PAULO: Zetti (6), Cafu (5,5), Válber (6,5), Ronaldão (6,5) e André (4); Doriva (6), Dinho (5) (Juninho 25 do 2º (7,5)), Leonardo (6,5) e Palhinha (6); Müller (6) e Valdeir (3) (Jura 14 do 2º (6)). **Técnico:** Telê Santana
FLAMENGO: Gilmar (6), Charles (6), Júnior Baiano (5), Rogério (5) e Marcos Adriano (5); Fabinho (4), Marquinhos (5), Nélio (4) (Magno 32 do 2º (4)) e Marcelinho (5); Renato Gaúcho (4,5) e Casagrande (5,5). **Técnico:** Júnior
O JOGO: Tudo indicava que o empate seria o resultado final. Uma substituição feliz do técnico Telê Santana — Juninho no lugar de Dinho — mudou, porém, toda a partida.

CRUZEIRO 6 X BAHIA 0
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Antônio Pereira da Silva/GO (7,3); **Renda:** CR$ [illegible]; **Público:** [illegible]; **Gols:** [illegible] do 13 (pênalti), Careca 22, Ronaldo 31 e 37 do 1º; Ronaldo (pênalti) 34 e 40 do 2º; **Cartão amarelo:** Rodolfo Rodríguez, Róbson, Ronald e Macalé; **Expulsões:** Jorginho 33 do 2º
CRUZEIRO: Sérgio (6), Paulo Roberto (7), Toninho (7,5), Róbson (6,5) e Nonato (7); Ademir (7), Marco Antônio Boiadeiro (7) (Rogério Lage 27 do 2º (6)) e Macalé (7); Careca (7) (Werberth 4 do 2º (6)), Ronaldo (10) e Zelão (7). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
BAHIA: [illegible] Jorginho (3), Vilmar (3) e Rogério (4) (Naldinho, intervalo (5)); Lima Sergipano (4), Arturzinho (4) (Émerson 35 do 2º (5)) e Renato (5); Bonato (4), Marcelo (5) e Marquinhos Pereira (3). **Técnico:** Antônio Lopes
O JOGO: O Cruzeiro entrou em campo determinado a vencer. Para completar, era tarde do artilheiro Ronaldo, que marcou cinco gols.

SANTOS 2 X GRÊMIO 0
Local: Vila Belmiro (Santos); **Juiz:** Márcio Rezende de Freitas/MG (4); **Renda:** CR$ 8 919 000; **Público:** 17 769; **Gols:** Júnior 21 e Gallo 40 do 1º; **Cartão amarelo:** Carlos Miguel, Darci, Aguinaldo, Guga e Adil
SANTOS: Velloso (5), Índio (6,5), Júnior (7), Ricardo Rocha (6) (Luis 3 do 2º (5)) e Silva (4); Axel (7), Gallo (6,5), Darci (7) (Ranielli 41 do 2º (sem nota)) e Sérgio Manoel (5,5); Zé Renato (6) e Guga (4). **Técnico:** Pepe
GRÊMIO: Eduardo (4), Dida (3) (Carlinhos 18 do 2º (6,5)), Paulão (4), Aguinaldo (4) e Carlos Miguel (5,5); Gronto (4,5), Jamir (5), Caio (6,5) e Adil (4,5); Fabinho (3,5) e Charles (4,5). **Técnico:** Luiz Felipe
O JOGO: O Santos poderia ter feito mais gols, não fosse a má tarde de Guga (impedido nos dous gols) e a má pontaria de Zé Renato

[illegible]
FLUMINENSE 1 X GUARANI 2
Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); **Juiz:** Renato Marsiglia/RS (7); **Renda:** CR$ 255 000; **Público:** 510; **Gols:** Celinho 9, Fernando 14 e Tiba 24 do 2º; **Cartão amarelo:** Márcio, Edinho, Júlio César, Edmar e Tiba; **Expulsão:** Valmir 29 do 1º
FLUMINENSE: Nei (2), Júlio César (3), Márcio (4), Andrei (3) e Lira (4); André (3) (Julinho 34 do 2º (sem nota)), Serginho (5) (Celinho, intervalo (5)) e João Carlos (5); Edinho (3), Nílson (4) e Ézio (4). **Técnico:** Edu
GUARANI: Marcelo (6), Gustavo (6), Adílson (5), Fernando (7) e Róbinson (5); Valmir (2), Édson (5), Edmar (5) e Robert (4) (Valdeir 34 do 1º (6,5)); Tiba (6) e Luisão (4) (Mauricinho 13 do 2º (5)). **Técnico:** [illegible]
O JOGO: Mais um vexame do Flu. O Guarani garantiu a vaga para a segunda fase do Campeonato mesmo sem ter feito grande partida.

GRUPOS C e D/QUADRANGULAR
[illegible]
7/novembro/93
PARANÁ 1 X VITÓRIA 1
Local: [illegible]; **Juiz:** [illegible] Bozzano/SC (5,2); **Renda:** CR$ 6 759 400; **Público:** 15 177; **Gols:** Alex Alves 17 do 1º; Ney 16 do 2º; **Cartão amarelo:** Edmílson
PARANÁ: Régis (6), Roberval (6), Gralak (4), Servilho (7) e Edmílson (5); Cássio (5), Adoílson (7) e João Antônio (5); Ney (6), Cláudio (4) e Wanderlei (5) (Romero 29 do 2º (4)). **Técnico:** Levir Culpi
VITÓRIA: Dida (6,5), Rodrigo (7), China (6), Evandro (5) (Édson 31 do 1º (5)) e Renato Martins (6); Gil Sergipano (6), Roberto Cavalo (6) e Paulo Isidoro (7); Alex Alves (7), Claudinho (5,5) (Vampeta 36 do 2º (4)) e Pichetti (5,5). **Técnico:** Fito Neves
O JOGO: A possibilidade de ir para as semifinais [illegible]. Com isso, o clube baiano foi quase sempre superior [illegible].

REMO 5 X PORTUGUESA 2
Local: Mangueirão (Belém); **Juiz:** José Roberto Wright/RJ (7,7); **Renda:** CR$ 11 303 800; **Público:** 30 611; **Gols:** Mauricinho 3, Agno 10 e 40 e Paulinho Kobayashi 43 do 1º, Dener 12, Guilherme 27 e Tarcísio 35; **Cartão amarelo:** Josué, Capitão e Fernando
REMO: Luís Carlos (6), Júnior (6,5), Belterra (6), Mário César (6) e Guilherme (6); Agnaldo (sem nota) (Juninho 15 do 1º (6)), Biro-Biro (6,5) e Giovanni (5) (Alex 21 do 2º (6,5)); Mauricinho (6,5), Agno (6) e Tarcísio (6). **Técnico:** João Francisco
PORTUGUESA: Márcio (5), Josué (5,5), Geraldão (4), Souza (4) e Charles (4) (Bentinho, intervalo (5)); Capitão (5), Fernando (5,5) e Dener (6,5); Maurício (5,5), Bentinho (5,5) e Paulinho Kobayashi (5) (Luciano 29 do 2º (4,5)). **Técnico:** Antônio Lopes
O JOGO: O Remo aproveitou-se das falhas da Lusa. O marcador poderia ter sido maior se seus atacantes fossem mais tranqüilos.

JOGOS DE VOLTA
14/novembro/93
PORTUGUESA 2 X REMO 0
Local: Canindé (São Paulo); **Juiz:** Válter Senra/RJ (4,7); **Renda:** CR$ 3 334 600; **Público:** 10 173; **Gols:** Bentinho (pênalti) 29 e 45 do 1º; **Cartão amarelo:** Bosano, Luís Carlos, Marcelo, Belterra, Mário César, Guilherme, Biro-Biro, Giovanni, Mauricinho e Agno; **Expulsões:** Édson [illegible]
PORTUGUESA: Márcio (6), Bosano (5) (Toninho Cepera 35 do 2º (5)), Geraldão (5), Souza (5) e Paulinho Gomes (5); Fernando (6), Paulinho Kobayashi (6) e Dener (7); [illegible], Bentinho (7) e Darci (6). **Técnico:** Antônio Lopes
REMO: Luís Carlos (6), Marcelo (5), Belterra (6), Mário César (6) e Guilherme (5,5); Agnaldo (5), Biro-Biro (5) e Giovanni (5) (Dema 35 do 2º (5)); Mauricinho (5), Agno (5) e Alex (5) (Édson Boaro, intervalo (5,5)). **Técnico:** [illegible]
O JOGO: A Lusa contou até com a ajuda do juiz, mas nem assim venceu a retranca do Remo, que assegurou sua classificação [illegible].

VITÓRIA 0 X PARANÁ 0
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Edmundo [illegible]; **Renda:** [illegible]; **Público:** [illegible]; **Cartão amarelo:** João Marcelo, Ney, Marcelo e China
VITÓRIA: Dida (6), Rodrigo (5,5), João Marcelo (6), China (6) e Renato Martins (5,5); Gil Sergipano (6), Roberto Cavalo (5) e Paulo Isidoro (5,5); Alex Alves (5) (Gaúcho 43 do 1º (5)), Claudinho (5,5) e Pichetti (5). **Técnico:** Fito Neves
PARANÁ: Régis (6), Roberval (5,5), Marcão (6), Gralak (6) e Edmílson (5); Cássio (5) (Tadeu 31 do 2º (sem nota)), João Antônio (5,5) e Adoílson (6,5); Ney (5) (Cláudio 20 do 2º (5)), Serginho (5) e Wanderlei (5). **Técnico:** Levir Culpi
O JOGO: O Vitória jogou fechado, já que o empate lhe garantia a vaga para as semifinais. Recorde de público no Brasileiro.
Obs.: Com esses resultados, Remo e Vitória se classificaram para a Segunda Fase.

6ª RODADA/GRUPOS A e B
10/novembro/93
CORINTHIANS 2 X CRUZEIRO 1
Local: Pacaembu (São Paulo); **Juiz:** Wilson Souza Mendonça/PE (2); **Renda:** CR$ 15 616 000; **Público:** 27 960; **Gols:** Válber 30 do 1º; Edmílson 29 e Rivaldo 44 do 2º; **Cartão amarelo:** Rogério Lage, Ezequiel, Simão, Ronaldo, Róbson, Leandro Silva, Baré e Tupãzinho; **Expulsões:** Marco Antônio Boiadeiro 23, Válber 51 e Tupãzinho 53 do 2º
CORINTHIANS: Ronaldo (6,5), Leandro Silva (6), Baré (6), Embu (5) e Elias (5,5); Zé Elias (7,5), Ezequiel (6,5), Simão (5,5) (Tupãzinho 38 do 2º (sem nota)) e Válber (7); Viola (5) (Leto 27 do 2º (sem nota)) e Rivaldo (6,5). **Técnico:** Mário Sérgio
CRUZEIRO: Sérgio (5,5), Paulo Roberto (5,5), Toninho (6), Róbson (6) e Nonato (6); Ademir (5), Marco Antônio Boiadeiro (5), Rogério Lage (5,5) (Luís Fernando, intervalo (5,5)) e Macalé (6), Zelão (5,5) (Edmílson 19 do 2º (6)) e Ronaldo (6). **Técnico:** Carlos Alberto Silva
O JOGO: O Corinthians mereceu a vitória. Ao Cruzeiro só restaram as reclamações, que culminaram com a agressão de Nonato à bandeirinha Maria Edilene Siqueira.

11/novembro/93
PALMEIRAS 0 X SANTOS 1
Local: Parque Antártica (São Paulo); **Juiz:** Marcos Fábio Spironelli/SP (3); **Renda:** CR$ 17 300 900; **Público:** 31 951; **Gol:** Guga 12 do 2º; **Cartão amarelo:** Guga, Júnior, Edmundo, Cléber, Darci, Luis e Márcio; **Expulsão:** [illegible] 2º
PALMEIRAS: Sérgio (5), Cláudio (6) (Sandro, 39 do 2º (sem nota)), Antônio Carlos (5), Cléber (5) e Roberto Carlos (6); César Sampaio (5,5), Mazinho (6), Zinho (6) e Edílson (5,5) (Paulo Sérgio 28 do 2º (sem nota)); Edmundo (5,5) e Evair (3). **Técnico:** Vanderlei Luxemburgo
SANTOS: Velloso (6), Índio (6,5), Júnior (6), Luis (5,5) e Silva (6); Axel (7), Gallo (5), Darci (6,5) e Sérgio Manoel (5,5); Zé Renato (5) (Márcio, 29 do 2º (sem nota)) e Guga (6). **Técnico:** Pepe
O JOGO: O Santos surpreendeu o Palmeiras com uma marcação fortíssima no meio-campo e superou pela segunda vez o rival no Campeonato.

[illegible]
GRÊMIO 4 X VASCO 1
Local: Olímpico (Porto Alegre); **Juiz:** José Mocellin/RS (6,6); **Renda:** CR$ 1 051 000; **Público:** 372; **Gols:** Carlos Alberto Dias 3 do 1º; Branco (pênalti) 3, Charles 6, Valdir (pênalti) 37 e Charles 43 do 2º; **Cartão amarelo:** Branco, Alê e Leandro
GRÊMIO: Danrlei (7), Gronto (6) (Dida 13 do 2º (6)), Paulão (7), Aguinaldo (7) e Branco (7); Jamir (7), Júnior (7), Carlos Alberto Dias (7) e Fabinho (6) (Carlos Miguel 40 do 2º (6)); Charles (6,5) e Adil (7). **Técnico:** Luiz Felipe
VASCO: Carlos Germano (7), Pimentel (6), Alê (7), Alexandre Torres (6) e Cássio (6); Leandro (6), Bernardo (6), Yan (5) e Gian (6); Valdir (7) e Júnior (4) (Hernande 18 do 2º (6)). **Técnico:** Alcir Portella
O JOGO: Já classificadas, as duas equipes só se preocuparam em jogar. O Grêmio goleou por 4 x 1 com tranqüilidade.

[illegible]
Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); **Juiz:** Carlos [illegible]/RJ [illegible]; **Renda:** CR$ 129 000; **Público:** 129; **Cartão amarelo:** Júlio César, Julinho, Nílson, André, Márcio, [illegible]
FLUMINENSE: [illegible] (3), Marcio (5), Wallace (3) e Jefersonzinho (3); André (3), Celinho (4), João Carlos (4) (Julinho, intervalo (4)) e Edinho (4); Ézio (5) e Nílson (4). **Técnico:** Edu
SPORT: Jéferson (5), Givaldo (5), Adriano (5) (Lima 17 do 2º (3)), Chico Monte Alegre (5) e Vado (3); Atalde (5), Acácio (4) Dario (3) e Moura (3), Stax (2) (Juninho 25 do 2º (3)) e Zinho (4). **Técnico:** Nerau [illegible]
O JOGO: Uma partida muito fraca. O Flu seguiu a sua trajetória patética. No campo, o Sport foi um adversário à altura.

O NOVO RECORDISTA DO BRASIL

Além de consagrar-se como a maior revelação da temporada, o centroavante cruzeirense Ronaldo tornou-se um dos recordistas de gols em uma única partida do Brasileiro. Com os cinco gols marcados na goleada de 6 x 0 sobre o Bahia, o camisa 9 igualou o feito de Roberto Dinamite — autor de cinco gols na vitória de 5 x 2 do Vasco sobre o Corinthians, em 1980 — e de Edmar — também cinco gols marcados na goleada de 6 x 0 do Guarani contra o CSA, em 1985. O recorde, que colocou o atacante temporariamente na liderança da tabela de artilheiros com doze gols até o início da Fase Semifinal, levou-o até a Seleção Brasileira — foi convocado por Carlos Alberto Parreira para a partida amistosa contra a Alemanha, em 17 de novembro do ano passado. Não se classificando para a Segunda Fase da competição, o Cruzeiro não permitiu, porém, que o Brasil continuasse assistindo ao show de gols de Ronaldo.

Ronaldo faz cinco gols contra o Bahia. E igualou o recorde

BOTAFOGO Campeão da Ca

n pé: Nélson, André Penvaldo, Cler Cláudio e William, **agachados:** Aléssio Suelio Eliel Sinval e Marcelo

PLACAR

SÃO PAULO Campeão da S

pé: Zetti, Ronaldo, Dinho, Cafu e Cerezo, agachados: Müller, Palhinha, Doriva, Válber, André e Leonardo

percopa 1993

PARANÁ CLUBE Campeão

pé: Gralack, Regis, Marques, Marcão, João Antonio e Ednelson **agachados:** Adoilson, Tadeu, Luís Americo, Tiba e Claudinho

Paranaense 1993

PALMEIRAS Campeão do R

pé: Sérgio, Tonhão, Cláudio, Roberto Carlos, César Sampaio e Alexandre Rosa; **agachados:** Flávio Conceição, Amaral, Maurílio, Edílson e Jean Carlo

-São Paulo 1993

SANTA CRUZ Campeão pe

Em pé: Demo (fisicultor), Araújo, Marcelo, Reginaldo, Júnior Cordel, Mazo e Quinho; **agachados:** Peninha (massagista), Marcelinho, Washington, Fernando, M

ambucano 1993

gginho